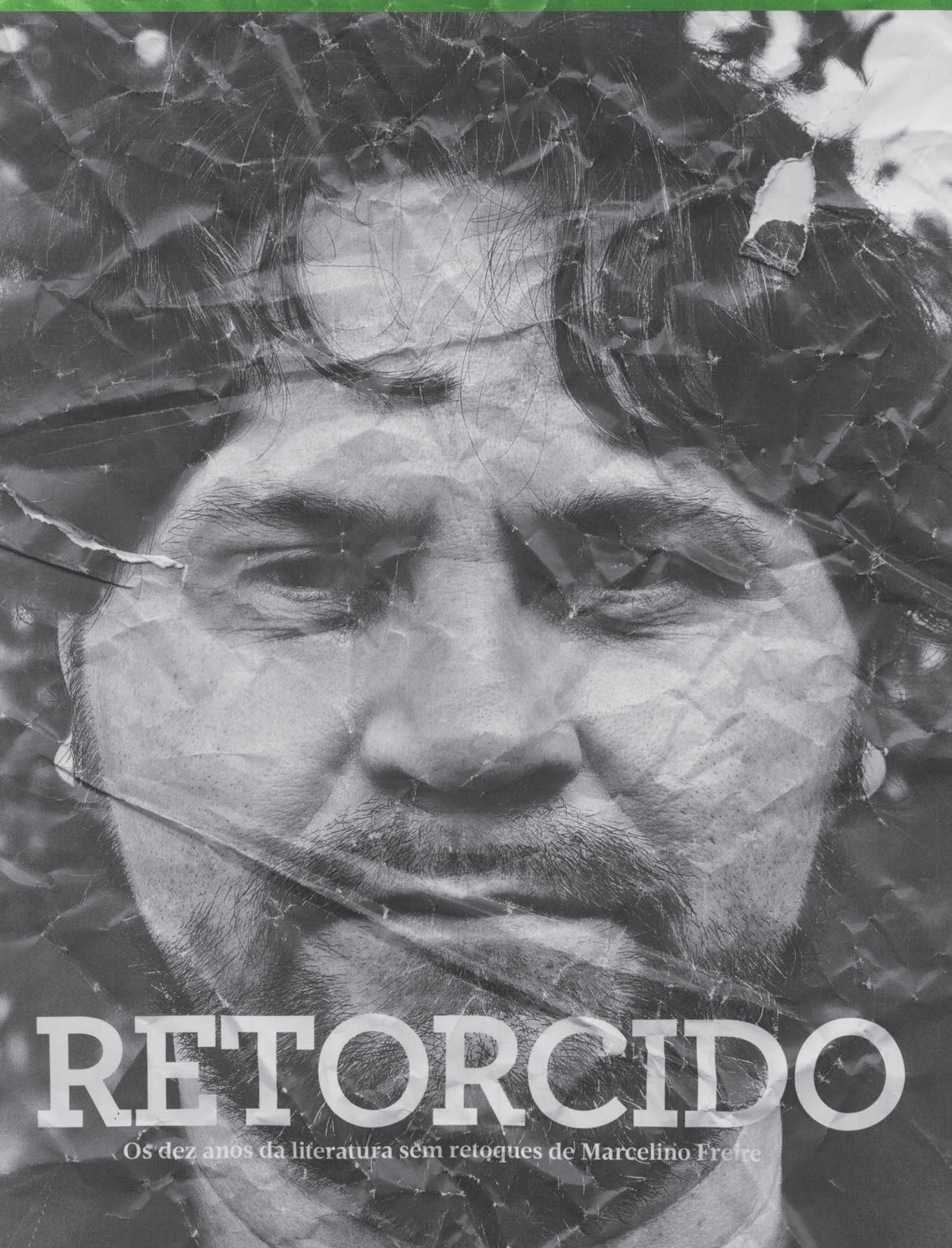


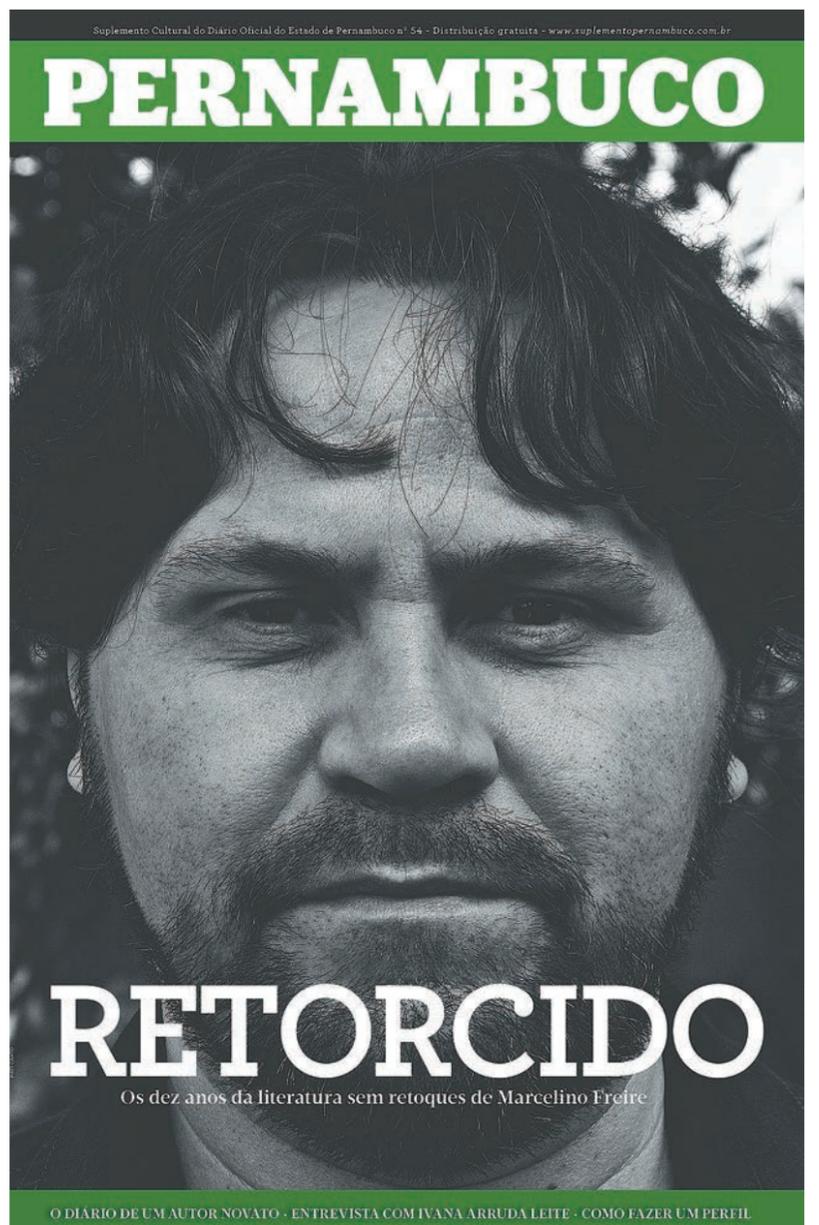
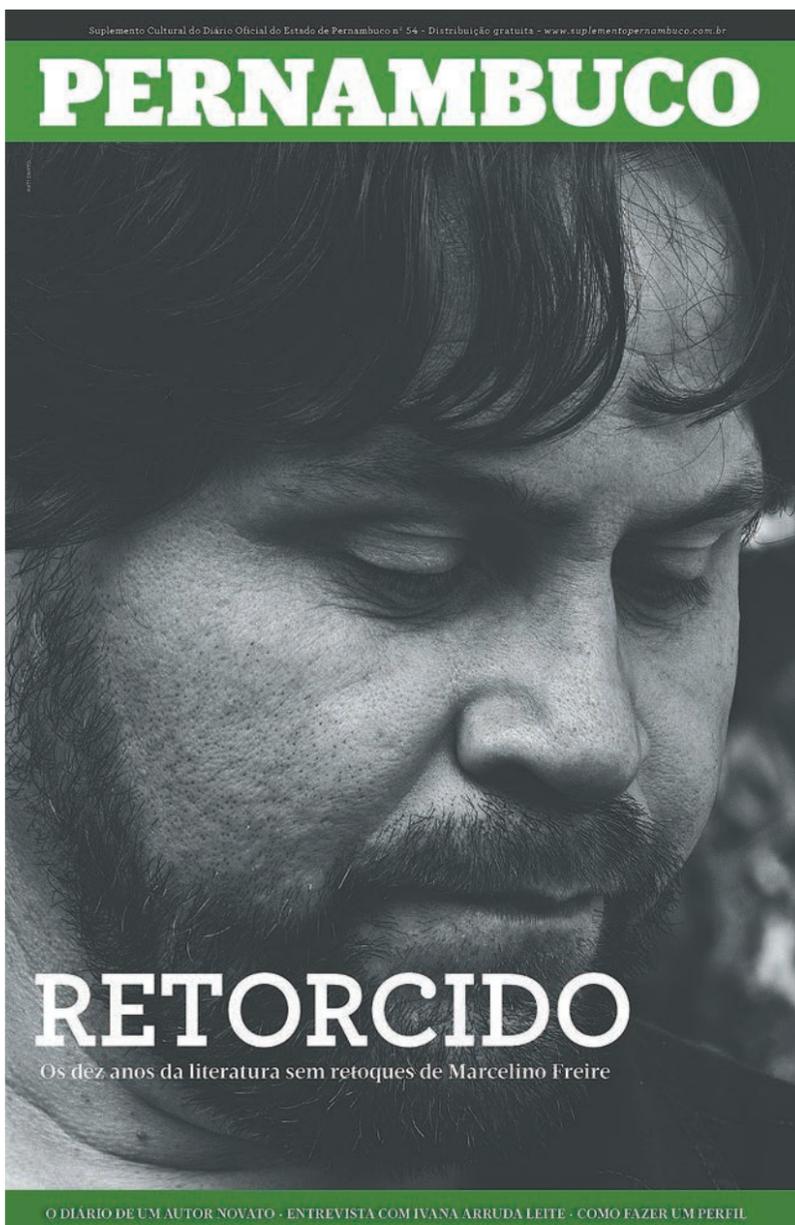
PERNAMBUCO



RETORCIDO

Os dez anos da literatura sem retoques de Marcelino Freire

GALERIA



NATI CANTO

A partir das fotos que Nati Canto fez de Marcelino Freire resolvemos dar um efeito “amassado” ao material, tomando emprestado o tom barra-pesada e o olhar underground da obra de Marcelino Freire. Essas eram as nossas duas imagens de capa antes do “amassado” da arte final

CARTA DO EDITOR

O livro de contos *Angu de sangue* provocou surpresa e espanto quando foi lançado há dez anos. Imediatamente, o pernambucano Marcelino Freire conheceu sua ascensão frente à crítica e à mídia, tornando-se um dos escritores mais destacados dos anos 2000 no País.

Livro de contos contundente e irônico, a obra associa um lirismo muito raro na literatura brasileira com uma forte denúncia social – traço destacado dos escritos de Marcelino. Em certo sentido, lembra alguns dos poemas, também de denúncia social, escritos por João Cabral de Melo Neto. É ciente desse contexto que o Pernambuco resolveu homenageá-lo neste número, o que significa, igualmente, uma homenagem à literatura pernambucana.

No seu estilo curto e agudo, Marcelino enviou um texto inédito para o Pernambuco, fazendo uma espécie de making of de Angu de sangue, além de um conto que deveria ter feito, originalmente, parte do livro, mas que passou todos esses anos perdido na gaveta do autor. Antes da leitura do conto, uma advertência: cuidado, Marcelino não é para os fracos. O texto é um verdadeiro soco no estômago, que não perdoa nossa capacidade de lidar com a vida tal qual (infelizmente) ela é (às vezes). O cenógrafo Marcondes Lima completa a homenagem com um

depoimento de como Angu de Sangue inspirou a companhia teatral homônima.

“De cara percebi que ele usa a língua como arma, cheia de balas que não se perdem. Aos poucos me dei conta de que tínhamos muito em comum: viemos do interior; gostamos de ‘mastigar’ coisas que não são do agrado de todos, de bulir e remexer em tudo. Temos jeito recifense, cara sertaneja e espírito estrangeiro. Somos de uma mesma geração de migrantes”, descreve Marcondes.

Outro destaque desta edição é o artigo-conto que o escritor Artur Rogério fez sobre Almir Castro Barros. Nossa ideia foi colocar um autor da novíssima geração para descobrir/dissecar a literatura de um dos grandes da Geração 65. Aqui, ele exprime seu espanto diante da leitura dos poemas de Almir. Sempre é bom publicarmos textos que brincam com os limites estabelecidos, e os subvertem. É crítica literária? É conto? O que importa?

Sem esquecer que este suplemento faz questão de ressaltar que mantém a ortografia original dos escritores publicados em Inéditos. Afinal, literatura é um território que ultrapassa os limites da chamada boa gramática.

Boa leitura e até o próximo mês,
Os editores

PERNAMBUCO

GOVERNO DO ESTADO
DE PERNAMBUCO
Governador
Eduardo Campos

Secretário da Casa Civil
Ricardo Leitão

COMPANHIA EDITORA
DE PERNAMBUCO – CEPE
Presidente
Leda Alves
Diretor de Produção e Edição
Ricardo Melo
Diretor Administrativo e Financeiro
Bráulio Menezes

CONSELHO EDITORIAL:
Mário Hélio (Presidente)
Antônio Portela
José Luiz da Mota Menezes
Luís Augusto Reis
Luzilá Gonçalves Ferreira

SUPERINTENDENTE DE EDIÇÃO
Adriana Dória Matos

SUPERINTENDENTE DE CRIAÇÃO
Luiz Arrais

EDIÇÃO
Raimundo Carrero e Schneider Carpeggiani

REDAÇÃO
Mariza Pontes e Marco Polo

ARTE, FOTOGRAFIA E REVISÃO
Gilson Oliveira, Karina Freitas, Júlio Gonçalves, Roberto
Bandeira e Sóstenes Fernandes

PRODUÇÃO GRÁFICA
Eliseu Souza, Joselma Firmino, Júlio Gonçalves, Roberto
Bandeira e Sóstenes Fernandes

MARKETING E PUBLICIDADE
Alexandre Monteiro, Armando Lemos e Rosana Galvão

COMERCIAL E CIRCULAÇÃO
Gilberto Silva



PERNAMBUCO é uma publicação da
Companhia Editora de Pernambuco – CEPE
Rua Coelho Leite, 530 – Santo Amaro – Recife
CEP: 50100-140

Contatos com a Redação
3183.2787 | redacao@suplementope.com.br

CRÔNICA

Raimundo Carrero

PEDRO MELO



Esqueça: essa não é a sombra que você projeta

Perfil é uma sombra na parede. Certo? Não, errado. O perfil é um texto jornalístico ou literário que procura interpretar o comportamento humano ou intelectual de uma semana. Gilberto Freyre, por exemplo, escreveu um livro com o nome de *Perfis* para examinar e interpretar várias personalidades que admirava ou não – Oliveira Lima, Joaquim Nabuco, José Bonifácio, por exemplo. É um trabalho árduo, difícil, e que exige não só boas palavras, mas, sobretudo, argúcia e requinte. Truman Capote revela, por exemplo, em *Música para camaleões* (Editora Nova Fronteira, 1981, Rio de Janeiro), que, ainda muito jovem, um menino, costumava se trancar num quarto da casa para escrever perfis de amigos, porteiros, colegas de classe, professores. E considera um ótimo exercício na arte de escrever.

É verdade que estiveram muito em moda nas primeiras décadas do século XX, tanto nos Estados Unidos quanto na França, porque eram uma maneira de estudar, digamos, a personalidade de um político, sem necessidade de uma biografia. Bastavam alguns traços, um jeito de olhar, de caminhar, de vestir. Por essa época, os jornais

usaram muito esse recurso, mais tarde substituído pelos escatológicos obituários. O que dá no mesmo, na maioria dos casos. Como assim? Os obituários são, em geral, uma espécie de perfil que se publica – obviamente – depois da morte da pessoa enfocada. Só que vão sendo escritos ainda em vida, com temas, datas, comportamentos que justificam, por assim dizer, um retrato psicológico da pessoa. Antigamente eram uma espécie de calendário pessoal: datas, datas e mais datas. Nasceu quando, começou a estudar em data, fez uma cirurgia num ano, candidatou-se a qualquer coisa no outro. De forma que eram mais cronologias.

Quando os norte-americanos resolveram levar o jornalismo a sério, tornaram o perfil quase uma obrigação, com profissionais especializados para escrevê-los. Em geral, como era muito natural naquela época – escritores fracassados, que arrancavam níqueis das redações de jornais com texto bem acabados mas sem grandeza. Alguns, mais tarde, tornaram-se célebres, justo por essa tarefa. Mas não se enganem, os escritores de obituários também têm seus quinze minutos de fama. E é

uma especialidade rara, porque não basta, como já disse, escrever apenas uma nota com datas e eventos; é preciso refletir, questionar, inquirir, para que saia daí, digamos, um retrato de corpo inteiro e não um close desajeitado. É preciso ter argúcia.

Ainda em *Música para camaleões*, Capote, falando do conto, parece se referir ao perfil – ou àquilo que devia ser um perfil: “Como pode um escritor misturar, com êxito, num único gênero – o conto, digamos – tudo o que sabe de todos os outros gêneros literários?” E mais: para escrever um perfil, o jornalista ou o escritor “deve dispor de todas as cores, de todas as suas capacidades, numa mesma palheta, a fim de poder combiná-las. Mas de que maneira”.

Nesse sentido, Gilberto Freyre também tornou-se um precursor ou um mestre nesta arte tão difícil, até porque ele foi jornalista – à moda antiga, é claro – durante muito tempo, dirigindo a redação do *Diário de Pernambuco*. O jornalismo é a grande escola, o grande aprendizado do escritor, ou do perfilista. O jornalismo oferece o que se tem de mais rico: a informação, o dado concreto, o espaço mínimo do texto, o dia a dia. Nos jornais brasileiros

da primeira metade do século XX, os cronistas sociais se especializaram, sobretudo, no perfil de autoridades, de mulheres ricas, de homens nobres, e de falsos ricos, influenciados pelo romance de Marcel Proust, por exemplo. É o caso de Altamiro Cunha, um desses cronistas que sabiam ler uma festa. Por essa época, Proust era o pai de todos esses cronistas, inclusive os nossos. A coluna social hoje é mais informativa. É o que João Alberto chama de “um jornal dentro do jornal”.

Em muitos sentidos o perfil também substitui a biografia, que é um gênero mais duro, mais pesado. O perfil que o jornalista e escritor carioca José Castello escreve sobre o poeta pernambucano João Cabral de Melo Neto é extraordinário. Acompanhou-o durante muito, seguiu seus passos, conheceu suas dores, sua familiaridade e traçou um quadro psicológico excepcional, superior a qualquer biografia. Cada palavra revela, com certeza, o universo interior de Cabral, cercado de sombras e de angústias. Não é por acaso que Castello é um homem de jornal, conhecedor dos ritmos e dos encantos do batente.

Enfim, perfil ainda é uma sombra na parede?



título. Se o título já causa polêmica, o conteúdo do livro é uma grife de bolsas e sapatos feitos com couro legítimo de jacaré.

Ouvir o silêncio causa câibras e manchas vermelhas na pele. O que será que Almir tá querendo dizer com o poema *Louvor da noite* (todos os poemas citados são do livro *Um beijo para os crocodilos*)? “Se orangotangos virão ter comigo / No silvo de um clarim / A noite é glória / E no adro em que me aprumo / Acodem-me farrapos / De negro céu”. ã? Sei não. Só sei que há muito não entrava num jogo tão lindamente intrigante, de um hermetismo respeitável, maduro, com raízes firmíssimas.

Escuta,

Escuta: esse senhor de 65 anos, que escreve essas “maluquices” também fez a Geração 65. Lembra? Ele não tinha 65 anos na época, ainda era um adolescente cheio de ideias esquisitas. Integrava um grupo de amigos que se reunia em bares, discutia à vera questões de prática e teoria da literatura, e não aceitava que tudo acabasse em Manuel Bandeira. Como seriam essas conversas? Que expressões esses meninos tinham no rosto? Do que falavam? Como era? Como? Hein? Fala!

Almir Castro Barros.

Há um poema especial, o *Poemeto*. Almir enxuga o que senti por todo *Um beijo*. Em dois, fala: “E somente / No país de bois e múmias te encontrei”. Surrealismo? Prefiro não usar essa palavra sem personalidade. Prefiro a outra: realismo. Ou “estranhamento” que é uma palavra mais livre, pé no chão. O que são esses bois e essas múmias? Eu não sei. Perdão, perdão. Depois de pensar um pouco, antes de decidir estudar a história da pecuária e arqueologia através dos tempos, me salvei com a seguinte explicação: no poema, os bois são bois e as múmias são múmias e fim. O que mais me seduz nesse poeminha é o casamento de uma possível incoerência que Almir sempre dá um jeito de depenar,

retirar as vísceras, salgar e unir formando um novo e único elemento. Eis a chave para o que é mais tangível na originalidade de Almir. A tal polissemia na justaposição de figuras, objetos aparentemente ligados àquilo que alguns reconhecem como surrealismo ou cubismo, qualquer uma dessas invenções serve, algo não exatamente racional, mas, de certo modo, tão suicidado quanto qualquer um desses experimentalismos acadêmicos (aos quais devemos muito), equacionais. Nesse campo, assim, da forma vulgar como costumamos aprender, não há espaço para o lirismo. Lirismo é pros fracos, pros românticos, pros antigos. Só que Almir finaliza o *Poemeto* com “te encontrei”. E, então, só ouço o silêncio. Tá escutando? Nada mais lírico e moderno. Original.

Não considero particularmente conveniente/convincente o vocabulário pescado pelo escritor beijoqueiro. Sempre enfrentamos palavras não muito usuais (fato que, isoladamente, jamais será uma falha de estilo, mas estou considerando que os poemas de Almir não pediam as tais palavras de pouco uso), ou outras palavras (essas sim) que eu consideraria feias e debilitadas (se reutilizadas no sentido comum), como “quimera” e “cordilheiras”. É algo que empaca um pouco, não oferece tanto recheio quanto aquele que é engendrado pelo encontro de simples bois e simples múmias. Penso que o uso desse vocabulário é aquele lado clássico de Almir, da mesma forma que é o seu lado apaixonado o que vejo em versos como “Indiquei-me ao esquecimento”. É bonito e tudo, comumente até, mas também é honesto demais e acaba sobrando, parece uma confissão boba quando comparado com os bois e as múmias.

Você tá me entendendo? Ou tá gritando? Em silêncio?

O mundo acabou numa montanha sórdida. Entre permanecer ou encantar-se, melhor é não cumprir pacto nenhum com as sombras. Aprendo na ata

dos quiosques: que uma estrada é a casa e a lâ dos abandonados. Há muito espero escrever o poema. E começo a crer – se guardará até o dia em que voltem os desaparecidos, a casa das flores dobre o seu comércio e se atrasem meus conhecidos pelo infortúnio do último caminho.

E assim Almir adianta e fulmina qualquer uma das minhas objeções. Se, por um lado, considero-o um homem de dois lados, com um pé no velho e outro no novo, é justamente nesse terreiro que cresce o seu universo inédito. Almir reprime possíveis voos, “arroubos poéticos”. Ele não se permite, decepa aquele pedaço do verso que, pra muitos, seria o mais belo e pungente. Ele já conhece, sabe como é o mundo visto lá do alto, da janelinha. Prefere alçar voos por aqui mesmo, aqui, aqueles realmente arriscados, para corajosos. Retalha, tritura a lógica de uma poesia que, infelizmente, domina as mentes de muitos fazedores de linhas escritas. Não goza porque o orgasmo é óbvio demais. E, de certo modo, é quando acaba o prazer. Os poemas de Almir não começam nem terminam, eles ficam, vivem por aí, têm vida própria, fuçam bundas, pousam em bigodes, aquecem pés, trançam cabelos. E, por isso mesmo, pela recusa do óbvio e, conseqüentemente, por negar um fim, é que Almir se revela possivelmente um (ex) apreciador daquele poemão didático. Ele fuzila o réptil ancho, cobre-o com flores delirantes e objetos encontrados no lixo, porém, talvez pela repetição, nem sempre faz desaparecer o corpo por inteiro. Sobra um rabinho pro lado de fora, uma garra, uma barbatana. Parece um fraquejar de domínio do texto. Esse inseto, na verdade, revela a alma de Almir, o seu jogo nada secreto, o seu delicadíssimo e violento laboratório incomum.

Ele ainda não falou nada. Nem eu. Estamos em silêncio esperando o seu.

Nem sempre fazemos silêncio por preferência. Almir Castro Barros foi um dos que fizeram a nossa Geração 65. Vejo que, com o tempo, muitos impuseram a Almir Castro Barros um silêncio intragável, dos ruins. Almir Castro Barros me falou que Recife não é, nunca foi, um bom lugar pra se “viver de literatura”. Eu sei disso. Recife é osso...

Almir Castro Barros é um dos (mais) maiores. Opinião que passei a dividir com o meu querido Delmo Montenegro. Por que não ouvimos mais vezes o nome de Almir Castro Barros por aí? Por ser um escritor surrealista (no sentido vulgar)? Hermético (no sentido vulgar)? Para poucos? Almir Castro Barros fala na carta citada: “Se às vezes pareço hermético ou abstrato em minha expressão poética, é porque a engenharia da linguagem está sempre a exigir-me releituras e conselhos originários da escrita de estetas e teóricos literários lembrados em todos os tempos”. É verdade. Os poemas de Almir Castro Barros parecem talhados em madeira rústica, parecem surgir na superfície de um lago plácido como bolhas de ar que são expulsas do intestino dos peixes.

Será que ignoram Almir Castro Barros porque ele vive numa espécie de autoexílio? Não. Não é. Não é isso. A razão é a seguinte: somos preguiçosos, imbecis, incompetentes e não sabemos amar e preservar os nossos verdadeiros gênios. Almir Castro Barros precisou viajar pro Rio de Janeiro, firmar parceria com a editora 7 Letras para ter, depois de tanto tempo, o seu livro mais divulgado, *Um beijo para os crocodilos*. Aliás, também não aceito o desrespeito com que tratam Gilvan Lemos, escritor que serve para elaboração de provas de vestibular e vive esquecido como se já não existisse. Não podemos aceitar isso. Não. Não. Ainda há salvação pra esse Recife medíocre?

Daqui vejo a beleza que há no poema *Último correio do Um beijo*. É um poema lindíssimo mesmo. E Almir Castro Barros nos deixa um recado amargo. Desejo que, por contraste, estes quatro primeiros versos do poema nos conduzam a caminhos largos e ensolarados, onde prevaleça o bom silêncio (é no silêncio que os elefantes grandes saem de nós) e, como costuma dizer Almir Castro Barros, sejam valorizados os verdadeiros criadores de beleza, aqui: “Invisíveis, / Fantasmas sabem disso: / O silêncio é obra-prima / Do fim”

Artur Rogério é escritor e faz parte do coletivo Urros Masculinos

ENTREVISTA

Ivana Arruda Leite

Por uma ficção mais leve, porque “chega de porrada”

Na corrida pelos prêmios literários do ano, a autora fala da libertação que a ficção lhe trouxe, do seu trabalho como funcionária pública e do seu “padrinho” Marcelino Freire

DIVULGAÇÃO

Entrevista a **Talles Colatino**

Entre um hotel chinfrim no centro antigo de São Paulo e a extensa Alameda Santos, há uma geografia humana pulsante radiografada pela paulista de Araçatuba Ivana Arruda Leite. Escritora, socióloga e “funcionária pública como antigamente”, Ivana é finalista do Prêmio São Paulo de Literatura 2010 pelo seu *Hotel Novo Mundo* (2009) e vem colhendo ótimas críticas do seu recente *Alameda Santos* (2010). Esses são seus dois primeiros romances, que surgem depois de a autora ter solidificado sua presença na cena contemporânea a partir do conto e de ter experimentado a produção infantojuvenil. Com as narrativas longas, a escritora constrói figuras femininas fortes e dispostas a

compreender suas angústias, enquanto uma cidade, com uma poética de desencontros como São Paulo, serve como testemunha e catalisador dessa busca. Ivana Arruda Leite conversou com o **Pernambuco** sobre esses dois trabalhos, mas também sobre sua trajetória literária, sobre religião, “padrinho”, rótulos e algumas batalhas, contemporâneas de sua escrita, além do contato direto e constante com os seus leitores, que mantém através do blog www.doidivana.wordpress.com e do seu perfil do Twitter, @doidivana. No segundo semestre deste ano, Ivana relança seu primeiro livro de contos, *Falo de mulher*, e adianta aqui como será seu próximo trabalho inédito, que começou a ser escrito exatamente no dia em que essa entrevista foi realizada: “Um livro mais leve, cheio de humanidade e esperança. Chega de porrada”.

No seu perfil do Twitter, você se define como “escritora e funcionária pública como antigamente”. Existe poesia no cotidiano do serviço público?

Não existe poesia alguma no cotidiano do serviço público. É um trabalho sem graça e sem sentido na maior parte do tempo. Mas é dele que eu sobrevivo. Afinal, faltam só três anos para eu me aposentar e eu não vou entregar os pontos a poucos metros da reta de chegada.

Fale um pouco sobre sua trajetória e seu surgimento no mercado editorial. Parece que Marcelino Freire teve grande importância aí, certo?

Eu escrevo desde os 14 anos e sempre batalhei para ser publicada, sem conseguir. Antigamente o caminho era árduo para os escritores novatos. Quando fiz 50 anos conheci Marcelino Freire, que gostou dos meus textos e me levou para a Ateliê, onde ele acabara de publicar o seu *Angu de sangue*. Seis meses depois saía o meu primeiro livro de contos: *Falo de Mulher*. Ele é o meu padrinho literário.

De que forma sua formação em ciências sociais contribui com sua literatura?

Da mesma forma que tantos outros fatores. Cursei Ciências Sociais tardiamente. Tinha mais de 30 anos quando entrei na faculdade (nos anos 70 já havia cursado Arquitetura) e já escrevia há muito tempo. Como detesto literatura que se pretende “tratado sociológico”, me afasto o mais que posso dos jargões e cientificismos.

Como se deu sua transição para o romance, depois de tanto tempo se dedicando ao conto?

Nunca achei que fosse escrever romances. Minha

“Nunca carreguei a bandeira da literatura feminina, porque meus livros se destinam a homens e mulheres

praia sempre foi o conto. Mas tinha sempre a pergunta: “quando você vai escrever um romance?”, até que em 2005 eu topei o desafio e comecei a escrever o *Hotel Novo Mundo*.

Nos dois romances, a geografia de São Paulo surge como grande testemunha, ou mesmo cúmplice, da evolução das suas personagens. Seriam as cidades, seu cotidiano e seus espaços, transformadoras primordiais da nossa essência?

Mais do que transformadoras, elas são formadoras da nossa essência. Somos feitos das mesmas pedras que formam as ruas e calçadas dos lugares onde fomos criados.

É fato que suas duas protagonistas são movidas por uma paixão desenfreada. A personagem de *Alameda Santos* é vítima da sua passionalidade, enquanto a Renata de *Hotel Novo Mundo* transforma essa passionalidade numa arma em seu favor, para ir em busca de uma redenção pessoal. Ambas, porém, são ataçadas por um denominador comum: um relacionamento fracassado. O que faz desse um tema atraente na sua criação?

Felicidade nunca deu boa literatura. Se tudo está nos eixos, se a vida está bela, se a mulher ama e é amada, contar a história dela pra quê? O que move a literatura é o conflito, a tensão, o monte de sonhos não realizados e de esperanças perdidas. O resto é a vida. E a vida quase nunca tem a mesma graça que a ficção.

O que guia as ações da personagem Renata, em *Hotel Novo Mundo*, é a autoafirmação da sua identidade. Num momento em que até as teorias sociais apontam a fragmentação da identidade individual, sua personagem surge como uma brava heroína. Buscar uma marca sua, própria,

na contemporaneidade, é realmente uma grande batalha?

Afirmar-se como individualidade num mundo onde tudo contribui para a massificação é uma batalha para poucos. Há os que resistem e topam pagar o preço de se distinguir da multidão. Acho que a Renata é uma dessas.

A riqueza dos personagens que povoam o *Hotel Novo Mundo* acaba redimensionando as perspectivas da protagonista sobre um recomeço de vida. Acredito que seu livro, de alguma maneira, pode ser lido como uma metáfora do poder de transformação que a realidade do outro pode causar na nossa própria. Concorda que somos quem somos porque existem outras pessoas nos mostrando diferentes formas de ser?

Concordo plenamente. A Renata é uma pessoa que precisa romper com tudo para descobrir (ou redescobrir) valores humanos como amor, lealdade, solidariedade. E são as pessoas simples que ela conhece no Hotel que a ajudam nessa descoberta.

Mais do que a trajetória de uma personagem, *Alameda Santos* também constrói um panorama afetivo com a história cultural do Brasil do final dos anos 80 e início dos 90, época de completa reestruturação. Época das Diretas Já, da descoberta da AIDS e de tantos outros receios, que hoje já soam, para muitos, tão distantes. O que te motiva a trazer à tona esse momento e, de alguma forma, reconstruí-lo para seus leitores?

O que me motivou foi contar a história da personagem. O contexto social, político, cultural e comportamental da época veio a reboque. Minha intenção nunca foi traçar um panorama da época (como disse, não

escrevo tratados sociológicos), mas relatar os dramas, conflitos, loucuras e esquisitices que moviam as pessoas no final dos 80, começo dos 90.

Você já confessou que, assim como a personagem de *Alameda Santos*, também gravava fitas, repassando os momentos da sua vida. Em vários outros pontos a realidade dela se cruza com a sua biografia. Não teve receio de que o romance pudesse ser lido como uma espécie de diário seu? Incomoda o fato de que o público talvez se perca no labirinto entre a ficção e a biografia?

Incomoda sim. Ainda que eu tenha algumas fitas gravadas, ainda que o livro fale de uma época e de episódios que eu vivi, ele não é a minha biografia. É um romance, resultado de uma criação literária, com personagens criados pela minha imaginação. Qualquer coisa que ultrapasse o que está escrito ali não é da conta do leitor e não interessa a ninguém. Eu gostaria que as pessoas discutissem o livro sem essa preocupação.

Uma das características marcantes de sua escrita é o humor. Mesmo em *Alameda Santos*, que possui certo tom melancólico, ou mesmo pesado, sua personagem dribla seus atropelos com uma visão ácida do mundo. O humor também é para você uma forma de escape da realidade?

Escape? Nunca! É a melhor forma de enfrentar a realidade, não de escapar dela. Só se leva a sério quem ri de si mesmo.

Seja num espaço de sete dias, tempo em que se passa a narrativa de *Hotel Novo Mundo*, ou de nove anos, período em que transcorre *Alameda Santos*, suas personagens atravessam transformações com

“As cidades são formadores da nossa essência. Somos feitos das mesmas pedras que formam as ruas onde fomos criados

intensidade semelhantes. Como você lida com o tempo? Acha que está envelhecendo bem?

Essa mania de cronologia é uma coisa que se repete em muitos dos meus livros. Eu tenho um que se chama *Eu te darei o céu*, em que cada capítulo é um ano da década de 60. Faz parte do meu estilo. O tempo é meu grande aliado e trabalha a meu favor. Vou fazer 60 anos no ano que vem e sempre achei que o melhor estava por vir. A vida me mostrou que eu tinha razão. Tenho me tornado uma pessoa melhor a cada ano que passo.

As protagonistas dos seus dois romances, em determinado momento, mostram interesse pela espiritualidade, através de religiões, esoterismo. Como é a sua relação com a espiritualidade? Possui religião?

Eu me considero católica. Acredito no credo professado pelo catolicismo, embora tenha grandes divergências com a Igreja como instituição. A barca de Pedro é uma nau muitas vezes perdida no seu rumo, mas a pedra sobre a qual a Igreja foi construída é a rocha que me sustenta.

Como você lida com a velha polêmica em torno do termo “literatura feminina”? Ela existe? Você se considera parte dela? Há como uma escritora, mesmo com um narrador masculino, lançar uma visão do mundo que não seja feminina e vice-versa?

Eu não gosto desse rótulo e não conheço nenhuma escritora que goste. O que fazemos é literatura. Ponto final. Nunca carreguei a bandeira da literatura feminina, porque meus livros se destinam a homens e mulheres. Eu não falo da “problemática feminina”, mas da problemática humana. Essa sim me interessa.

Com a boa receptividade em relação a seus romances, a literatura juvenil perde um pouco de espaço nas suas prioridades? Pensa ainda em se dedicar a esse gênero?

Claro que penso. Mas não por enquanto. Literatura infantil e infantojuvenil são pausas que faço entre os textos adultos. Agora é hora de trabalhar pra gente grande.

O quão importante é para você, como escritora, manter um blog, que a coloca em contato direto com seus leitores?

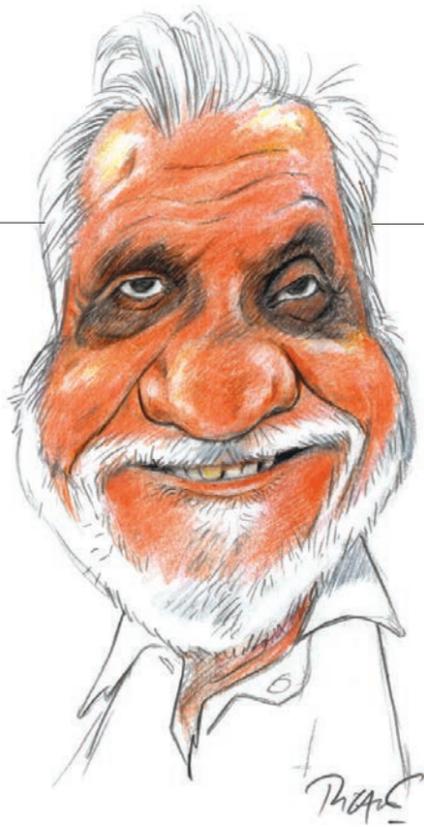
O blog é um poderoso veículo de comunicação com meus leitores. Lá eles encontram textos literários, fotos das festas a que vou, das viagens, fofocas etc. É onde podemos trocar ideias.

O que faz um escritor cansar da literatura? Existe esse momento?

Pra mim existe sim. E muito! O período entre o lançamento de um livro e o surgimento da próxima ideia é sempre um tempo de cansaço total da literatura. Não leio nada nem escrevo nada. E mais: acho que nunca mais vou escrever uma linha. Por sorte (?), até agora essa profecia nunca se realizou. As ideias vão surgindo e eu começo tudo de novo.

Você anunciou pelo Twitter que está se dedicando a um novo romance. Já pode adiantar algo sobre ele?

Pois é, comecei a escrevê-lo esta manhã [a entrevista foi realizada em 29 de junho]. Não posso dizer ainda sobre o que é, mas adianto que vai ser mais ao estilo do *Hotel Novo Mundo* do que do *Alameda Santos*. Um livro mais leve, cheio de humanidade e esperança. Chega de porrada.



Raimundo CARRERO

O personagem ausente e a digressão solta

Cenas ajudam a começar uma história, mas muito cuidado com o narrador

O romance contemporâneo tem sempre uma dúvida: como começar? Em geral, aconselha-se sempre uma abertura com cena rápida para envolver o leitor. E, daí em diante, cena sobre cena, cena sobre cena, cena sobre cena, quase sem repouso. Esse é chamado o bom começo de uma história, de forma a deixar quem lê quase atordoado, sem outra opção senão parar tudo, sentar-se e ficar ali até o fim do dia. Ou da noite quem sabe.

Isso quer dizer: ação mais ação mais ação. Até porque não se deve esquecer a fórmula razoável da cena: personagem mais ação mais sequência, sugerida, ainda que remotamente, por Aristóteles no livro famoso e definitivo: a *Poética*. E quando a cena vem marcada de algum mistério, aí é o máximo. É o que dizem, não é? Leitor que se preze não quer saber de cenários, digressões, comentários, mesmo quando são seduzidos por eles, e nem sabem.

Exemplo marcante de cena sobre cena está no começo de *As irmãs*, de Joyce, por exemplo, com todo o envolvimento misterioso e rápido. Prestem a atenção:

Desta vez não havia esperança para ele: fora o terceiro ataque. Noite após noite, ao passar diante da casa (era tempo de férias), eu observava o retângulo iluminado da janela e, todas as noites, encontrava-o com a mesma luz pálida e uniforme. Se estivesse morto, pensava, eu veria o reflexo das velas nas cortinas escuras, pois sabia que duas velas devem ser colocadas à cabeceira de um defunto. Dissera-me várias vezes “não ficarei muito tempo neste mundo” e eu julgara vãs suas palavras. Sabia agora que eram verdadeiras.

É claro que estamos falando de Joyce, o genial, mas a rapidez das cenas – somadas ao mistério – não deixa dúvida de que esse é um começo que provoca o leitor e o leva a um longo duelo com o texto pela noite adentro ou, quem sabe, pelo dia adentro, com sol ou com chuva. E é claro também que uma ação provoca, aparentemente, mais entusiasmo do que um cenário – já ouvi dizer que os cenários estão mortos ou desaparecidos: puro engano, ledô engano – ou do que uma digressão – em muitos casos nem é bom falar em digressão.

Bem, pode ser – e sempre coloco a dúvida –, pode ser que seja assim, afinal o homem contemporâneo não tem tempo a perder. Quem acredita nisso colocaria em dúvida a qualidade, por exemplo, do primeiro capítulo de *Dom Casmurro*, o fabuloso romance de Machado de Assis. Porque se trata, na verdade, de uma digressão – digressão, aliás, que se estenderá por todo o livro – com aparência de cena de ângulo fechado – quando os personagens estão isolados e quando não se pode ver senão eles – na abordagem do poeta inominado ao personagem – Bentinho ou Casmurro – durante uma breve viagem de trem. Finge, o narrador finge. Mas ali não há apenas cena sobre cena e apenas uma digressão para que o narrador justifique o título do livro. Não adianta esperar a continuidade da ação: ela não virá. Além do mais, Machado de Assis adorava cenas de sono e vigília, que se repetirão em muitas das suas obras.

O que ocorre é que os narradores – autorizados pelos autores – costumam dissimular, e é isso que os torna grandes. Narrar é o não-narrar. Sempre assim. Dizer é o não-dizer. Contar é o não-contar. Por isso, os leitores são seduzidos com tanta eficiência. Acreditam numa coisa e está acontecendo outra. Tudo isso, no entanto, é para demonstrar como o primeiro parágrafo de *A Educação Sentimental*, de Flaubert, é tão eficiente, mesmo parecendo um cenário humano quando na verdade é uma digressão. E os leitores nem gostam de digressão, não é? Ali, Flaubert consegue fazer uma digressão com ares de cenário humano, na expectativa de uma ação: afinal, o navio está prestes a sair e as pessoas estão desaparecidas? Desaparecidas como? Tudo porque o narrador esconde os personagens mesmo com eles bem presentes. Frédéric está no leme – logo no leme – e ninguém vê. Frédéric, o protagonista do romance. Não aparecem nem Jacques Arnoux a Senhora Arnoux, por quem Frédéric arderá de paixão. Uma louca paixão de

O recurso de cena sobre cena permite maior velocidade narrativa no romance mas não elimina as outras possibilidades

adolescente. Será que tem paixão de adolescente que não seja louca? Pudera.

Como isso acontece? Percebam:

No dia 15 de setembro de 1840, o Ville-de-Montereau, pronto a largar, soltava os seus grossos rolos de fumo junto do cais Saint-Bernard. Gente chegava esbaforida; barricadas, cordas, cestos de roupa dificultavam a circulação; os marujos não respondiam a ninguém; as pessoas atropelavam-se; entre os dois cilindros eram içadas encomendas, e a vozzeria perdia-se no silvo do vapor das máquinas que, escapando por entre as chapas de zinco, envolvia a cena numa nuvem esbranquiçada, enquanto a sineta, à proa, tocava sem parar.

Justamente isso: aí não há cena – apesar da citação do narrador – porque não há personagem importante para provocar a sequência e a ação, e é cenário humano porque há pessoas se movendo mas sem objetividade narrativa. E como seria uma digressão? Porque o narrador finge apresentar um movimento objetivo quando é subjetivo: não tem efeito algum sobre a história, embora

Marco
Polo

MERCADO
EDITORIAL

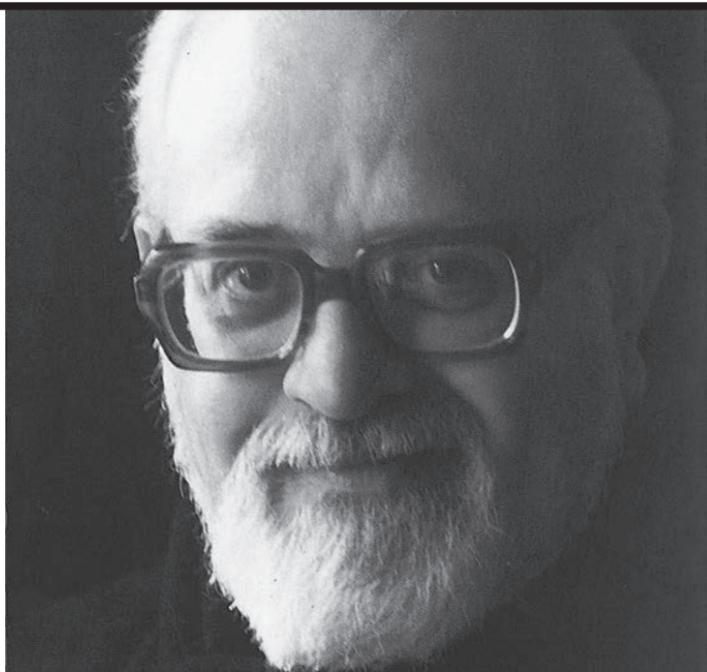
LANÇAMENTO

Livro de ensaios escritos ao longo de 50 anos mostra a coerência teórica do poeta paulista Haroldo de Campos

O segundo arco-íris branco reúne ensaios de Haroldo de Campos (foto) escritos ao longo de cerca de cinquenta anos. Mesmo tratando de vários de temas, revelam a coerência teórica que acompanha o percurso do poeta concretista ao, depois, poeta neobarroco. Há temas recorrentes: a transcrição, método de tradução que revitaliza na língua de chegada a expressão poética do texto original, e Ezra

Pound, que aparece num ensaio evocativo, em que o crítico e poeta norte-americano oscila entre a fragilidade da velhice e a persistência na criação. Nos ensaios sobre o barroco há o conceito de que este não é apenas a manifestação artística de uma determinada época, mas um estilo atemporal de ver e dizer o mundo. No conjunto, um livro instigante e esclarecedor, editado pela Iluminuras.

DIVULGAÇÃO



CRITÉRIOS PARA RECEBIMENTO E APRECIÇÃO DE ORIGINALS PELO CONSELHO EDITORIAL

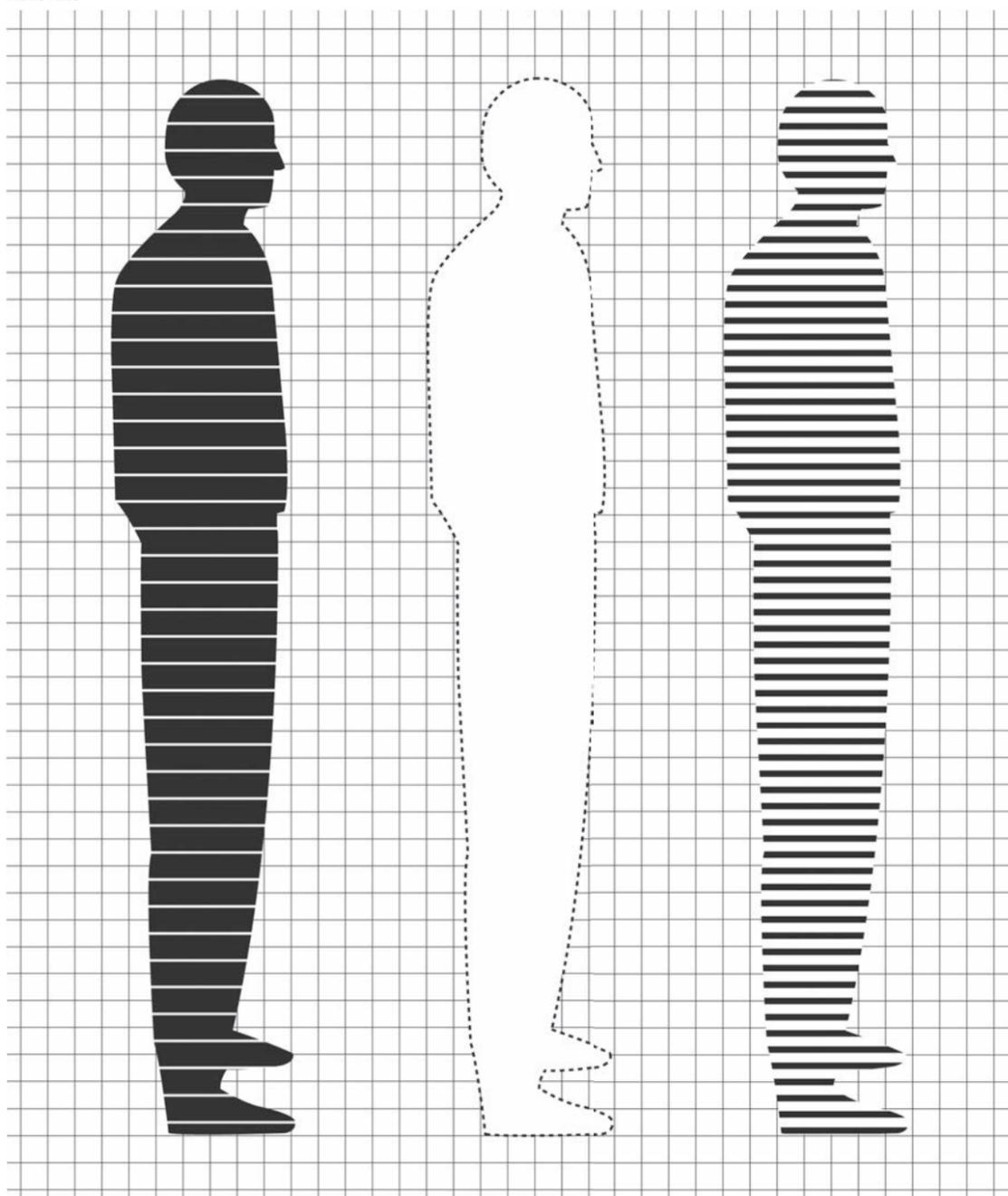
1. Todos os originais de livros submetidos à CEPE são analisados pelo seu Conselho Editorial, que delibera a partir dos seguintes critérios:
 - Contribuição relevante para Pernambuco;
 - Adequação à missão institucional da CEPE e sintonia com a sua linha editorial, que privilegia obras inéditas, escritas ou traduzidas para o português; que tenham relevância para a cultura pernambucana, nordestina e brasileira, nos seguintes campos do conhecimento humano: científico, técnico, literário e artístico.
2. Para obter a aprovação com vistas à publicação pela CEPE, as obras devem preencher os seguintes requisitos de qualidade:
 - De estilo (correção, clareza, coerência, rigor, coesão e propriedade).
 - De conteúdo (nível apropriado de aprofundamento dos temas, evidência de pesquisa e reflexão, consistência de argumentação e elaboração, originalidade da abordagem).
3. O Conselho Editorial não analisa:
 - Originais incompletos, em progresso ou ainda sujeitos à correção do autor.
 - Livros individuais ou coletivos na condição de projeto. Os textos devem ser entregues com o seu conteúdo pronto, acabado, sem acréscimos nem rasuras.
4. Serão imediatamente desconsiderados e rejeitados originais que atentem contra as declarações de direitos humanos e congêneres, as leis e os dispositivos morais e éticos, nomeadamente os casos de:
 - Violação dos direitos políticos, sociais, econômicos, culturais e ambientais;
 - Que fomentem ou mostrem simpatia pela violência e desrespeito a crianças, idosos, bem como os preconceitos de raça, religião, gênero etc.
5. O Conselho não recebe dissertações ou teses em estado bruto (devem ser feitas as reformulações necessárias de modo a reduzir o excesso de tecnicismos típicos do trabalho acadêmico).
6. As obras, inclusive as coletivas, devem estar corretamente padronizadas e revisadas, de modo a permitir a leitura crítica e análise final da obra.
7. O autor deve enviar à CEPE cópia impressa dos originais em quatro vias.
8. Não são recebidos originais em CD, disquete, e-mail ou qualquer outro formato eletrônico.
9. O comprovante de envio dos originais pelos Correios (AR – Aviso de Recebimento) valerá como protocolo de entrega.
10. Em caso de entrega dos originais na sede da Companhia Editora de Pernambuco – CEPE, o portador deverá se dirigir à secretaria da Presidência, onde assinará o protocolo.
11. Todos os originais são de responsabilidade exclusiva do autor. O Conselho não se ocupa de eventuais perdas ou danos no trajeto de encaminhamento nem devolve os originais recebidos.

Companhia Editora de Pernambuco
Rua Coelho Leite, 530 – CEP: 50100-140
Santo Amaro – Recife – PE.
Informações adicionais pelo telefone:
(81) 3183-2708



GOVERNO DE
PERNAMBUCO

PEDRO MELO



a história transcorra no navio. De propósito ele retirou Frédéric, que está no leme, mas não pode aparecer agora. Deve estar escondido para surpreender o leitor um pouco adiante. Não é assim?

É técnica pura. Frédéric, que deveria estar no cenário para transformá-lo em cena, está no leme, logo no leme, e o narrador esconde:

Um jovem de dezoito anos, de cabelos compridos, e que segurava um álbum debaixo do braço, conservava-se imóvel junto do leme.

Ou seja, não é verdade que o romance precise somente – em muitos casos exclusivamente – de uma cena sobre cena na abertura do romance. O que é preciso mesmo é a sedução do narrador para atrair o leitor, tanto em Machado de Assis quanto em Flaubert.

Exercício? Escreva uma cena, um texto de cenas sobre cenas, e depois retire os personagens, de forma que a narrativa se transforme em digressão. Para evitar problemas, use o artifício do cenário humano.

FESTIVAL

Sesc Santa Rita exibirá Cinema com Literatura

Além de promover em sua sede cursos e oficinas de literatura, o Sesc Santa Rita (Cais de Santa Rita, 156. São José. Recife, Fone: (81) 3224.7577) vai promover ações em parceria com a Prefeitura da Cidade do Recife, durante o Festival Recifeense de Literatura: A Letra e a Voz, que acontece entre os dias 22 e 29 de agosto. Além de performances, oficinas e palestras, haverá também a *Mostra de Cinema em Literatura* pelo Festival.

HOMENAGEM

Editora da Universidade Federal de Minas Gerais homenageia escritores brasileiro e portuguesa

A Editora UFMG, da Universidade Federal de Minas Gerais, está lançando a *Coleção AmorÍmpar*, livros em capa dura e acompanhados de DVD, além de desenhos e fotos mais textos sobre e dos escritores enfocados. Os dois primeiros volumes são dedicados ao poeta pantaneiro Manoel de Barros e à escritora portuguesa Maria Gabriela Llansol. O primeiro DVD registra uma viagem pelo pantanal até a

casa do poeta e uma entrevista com ele. O segundo junta as atrizes também portuguesas Elisa Santana e Mafalda Saloio, que dizem textos da escritora falecida em 2008. Os dois livros são duas delicadas joias em homenagem à importância da literatura na vida das pessoas. Os prólogos são assinados por Lucia Castello Branco e as belíssimas ilustrações por Maria José Vargas Boaventura.

CAPA

PEDRO MELO SOBRE FOTOS DE NATI CANTO



Os ingredientes que formaram esse angu

Autor relembra o contexto que fomentou a sua obra seminal, que completa 10 anos

Marcelino Freire

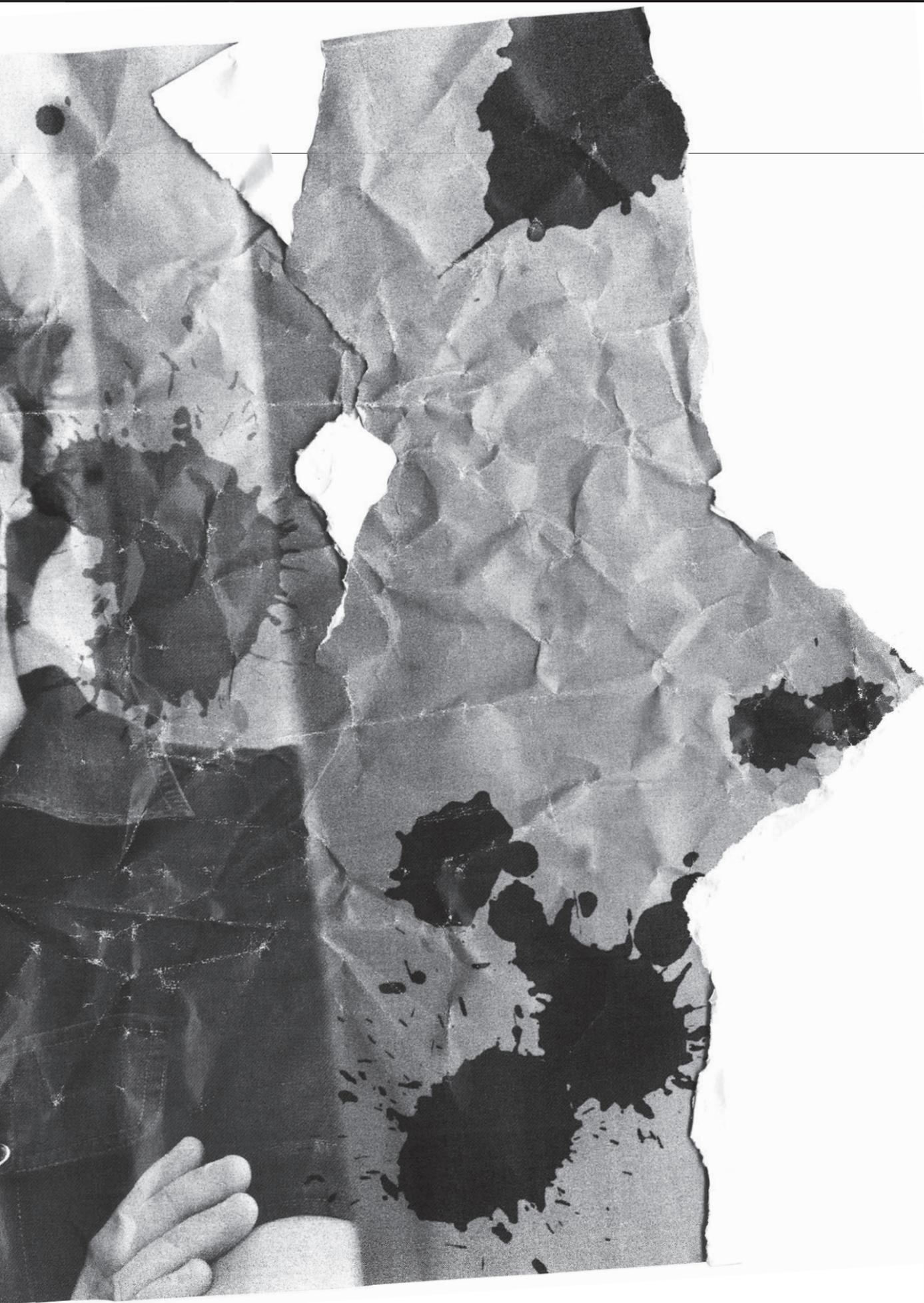
Ela que preparou o fogo. O tempero. Ela que me deu de comer. Explico: a minha mãe. Falecida, agora no mês de maio. Dona Maria do Carmo Freire. Carminha, Carmélia. Saudades eternas dela. Da sua fala. Língua que me alimentou.

Lembro: quando vim para São Paulo. Decidi. No Recife, meu coração andava parado. “Vá, se é para o seu bem”. Cheguei à grande cidade. Zerado de tudo. Desde aquele 11 de julho de 1991, que ela acendia uma vela. Em minha intenção. Para minha proteção. Todos os dias, sem falhar nenhum: uma oração. Não seria fácil enfrentar o trânsito. Olhar, de igual para igual, os prédios.

Credo!

Àquela época, a família ainda recebia cartas. Longas. Em que eu contava: “consegui emprego”. Ou: “vou lançar um livro de contos”. O primeiro foi o *AcRústico*, de 95. Por conta própria. Depois veio o *era-Odito*, em 98. Também por conta própria. Até chegar, no ano 2000, o *Angu de Sangue*. “Mãe, apareceu um homem chamado João Alexandre.”

Contei: do crítico pernambucano que ouviu a leitura de um conto meu, o *Muribeca*. “Este menino inventa cada conversa.” Falava ela: sobre a mulher do lixo. Aquela voz que abre o livro. Revoltada e teimosa. E que tanto chamou a atenção de João Alexandre



Barbosa. Ele foi a um encontro literário que eu e o escritor Evandro Affonso Ferreira organizávamos. “Vou ajudar você”, disse JAB.

E ajudou.

Indicou-me para a Ateliê Editorial. Escreveu o prefácio do livro. Igualmente lembro: quando o telefone tocou. “Marcelino, é João Alexandre.” E, generosamente, leu o prefácio em primeira mão. Sim, ao telefone. Meu coração ouvindo, pulando, em silêncio. Publicou o mesmo prefácio na revista *Cult*.

Ave! Eternas saudades idem. Do grande João! Morto no ano de 2006. Inesquecível. Cada conselho que ele me deu. E outra alegria que ele me deu: a amizade que tenho até hoje com o editor Plínio Martins, da Ateliê. Parceiro para valer. Plínio preparou a edição do *Angu* do jeito que eu havia imaginado. Com as fotos que o meu amigo Jobalo especialmente fez. Jobalo que, inclusive, me emprestou o título do livro.

A direção de arte do *Angu de Sangue*, vale dizer, foi toda feita dentro da agência de propaganda em que eu trabalhava como revisor. E onde conheci a minha irmã de várias empreitadas: Silvana Zandomeni. Ela esteve no lançamento do livro no Recife. Conheceu a minha mãe. “Vou rezar

por você, minha filha.”

E rezava: espalhava fotografias de muita gente. No seu oratório. Prezava e respeitava e oferecia aleluias a quem tivesse participado da luta do filho. Luta, de alguma forma, retratada nos contos do *Angu*. Eles são um espelho disto. Desta minha vinda para São Paulo. Os personagens desambientados. Feridos e atropelados. Desenraizados.

Sempre falo: este livro só foi possível porque me tornei retirante. Porque descobri que tinha sotaque. Porque houve essa distância. Do meu terreiro, da minha casa. Tão tomada pela voz da minha mãe. A personalidade sertaneja dela. A raça. A graça. Dessa mulher que saiu da cidade de Sertânia e foi com os nove filhos (eu sou o caçula) morar em Paulo Afonso, na Bahia.

Eu cheguei com oito anos ao Recife. Para “estudar, estudar, estudar.” Era o lema de Dona Carminha. A sua ladainha. Orgulhava-se quando me via, desde muito pequeno, lendo cartas. A Bíblia. Os primeiros poemas de Manuel Bandeira. Quando me pedia para ler as bulas.

“Só podia virar escritor, só podia.” A escritora era ela. E ela não sabia. A minha querida. A quem dedico todas as linhas que escrevi. Com fé e com sangue. E aquelas que ainda não estão escritas.

Artigo

Um making emocional

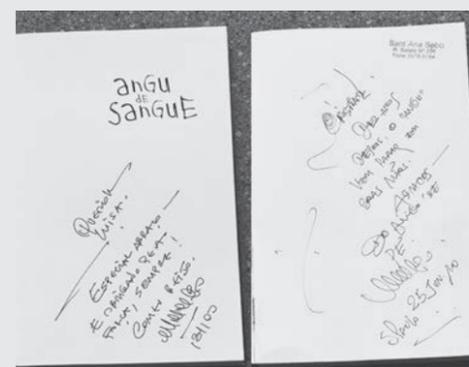
Se fosse preciso basear-se na realidade para criar um conto a partir da realidade, a sessão que resultou nas fotos de Marcelino Freire para esta matéria serviria bem. O inesperado começou quando a fotógrafa Nati Canto, como combinado, encontrou o escritor em um sábado, na capital paulista um pouco antes de uma oficina literária que ele iria ministrar. Puxou a máquina, pensou na melhor forma de retratá-lo e foi mirar o rosto do autor. Mal tinha tirado a primeira foto e a sessão foi interrompida por uma mensagem que chegou ao celular de Marcelino.

“Quando eu estava tirando a segunda foto, ele abaixou o rosto para ver o que ela dizia”, lembra a fotógrafa. “Então, quando ele terminou, eu percebi que ele estava bem mais triste.” Era uma notícia já esperada, mas que não deixou de abater o escritor: seu amigo, o ator, diretor e crítico de teatro Alberto Guzik, havia morrido aos 66 anos, vítima de um câncer no estômago. Marcelino pediu licença por um instante e foi responder a mensagem. “Eu tirei até uma imagem disso”, diz Nati.

“No momento, ele ficou totalmente sem chão”, descreve a fotógrafa. Sem saber como agir, ela evidenciou seu desconforto, não sabendo se seria possível continuar a sessão: “Eu falei: ‘Marcelino, eu estou totalmente desconcertada’. E ele simplesmente respondeu: ‘Pode continuar com as fotos.’” Nati, então, continuou a fazer novas imagens, mesmo notando que o escritor havia ficado, nas suas palavras, “com a cara bem pior, bastante abalado.”

Depois de concluída a sessão, a fotógrafa decidiu acompanhar a oficina literária ministrada pelo pernambucano. Nela, Marcelino, menos abatido, chegou até a tratar do tema da morte, com bastante naturalidade. Algo que chamou a atenção de Nati foi uma frase solta, na verdade uma pequena definição sobre o processo de criação literária para o autor. “Foi algo bem forte que ele disse. Eu anotei, inclusive: ‘Para escrever, é preciso muita queda. É preciso ir para o abismo e voltar’”, cita.

Depois da notícia triste, o dia ainda reservava uma curiosidade para o encontro da fotógrafa com o escritor. “No fim da oficina, ele me chamou. Disse que uma das alunas comprou um livro em um sebo e trouxe para ele autografar”, conta. O livro (imagem abaixo), que pertencia à crítica de literatura Cristiane Valéria, era uma edição de 10 anos atrás de *Angu de sangue*, com uma outra dedicatória feita pelo autor na ocasião do lançamento. “Marcelino perguntou se eu podia tirar uma foto e mandar para ele depois”, relata Nati. Entre luto e coincidência, a fotógrafa presenciou como pode ser comum e incomum a vida de um escritor, esse ser que se alimenta de abismos. (Diogo Guedes)



CAPA

PEDRO MELO SOBRE FOTOS DE NATI CANTO

INÉDITO

Marcelino Freire

SOBRE O CONTO

O conto *Santinha*, escrito quando o autor ainda morava no Recife, era para ter entrado em *Angu de sangue*. “Esse conto é baseado em fato que eu, adolescente, quase presenciei.”, lembra



Santinha

O corpo da menina, Santinha, foi cortado ao meio, Meu Deus, filhinha da natureza, borboleta. Uma maldade sem redondeza, Cristão. Cortaram com fastio, ódio, sem piedade. Adoradores do sangue. A imaculada dor. E fizeram mais: sexo e os órgãos dela decepados pelo chão – aquele chão de cimento vermelho, cimento frio, tábua para adormecer. Morreu anjo. Morreu sem saber que morria. Que tudo, até a vida, ainda era coisa nova. Monstro que ninguém sabia, ninguém tinha ouvido nada, nadica. O pai da Santinha foi capinar, à mãe ajudar. O cachorro dormia, longe, longe, dormia. O gato sinhá. Foi aquele alvoroço pelo campo – o grito girando a cabeça de todo mundo, todo mundo. A pressa para entender: por qual, por que, o que fazer? Chama-se o dono, a fazenda mobilizada, a polícia a cavalo. Monstro. Deus, trovão, barulho. Uma menina, uma menina. O corpo nu e aberto, parecendo mulher. Enorme e estirada, simples. Sangue novo pelas paredes, no batente, um risco na porta. “Ou u”, foi o grito da mãe à porta, como o sol que entrou, mostrou apavorado a filha negra, a filha largada, como quem quebrou uma boneca o assassino de anjos. A mãe correu, correu, “Eu u”, no soluço, na cegueira da dor. Enormidão. Um bicho-raposa, um bicho-do-mato, um bicho-papão. O pai veio. O pai e a enxada. O suor, o medo do que

encontrar dentro da porta, no batente vermelho, no sujo dos corações, escondido, a filha aberta a machado. “Vivinha”, o nome da Santinha, como ressurreição. “Vivinha”, como se a menina fosse abrir um sorriso de tão aberta que estava, de tão difícil que era aquela verdade ser possível, os irmãos que moram perto, a família que a vila era. “Deus”, coisa do Diabo. Coisa sem saída, resposta sem explicação. Correu para conclamar. Correram. A mãe não sabia, nesse caso, abraçar os restos da filha. Se iria começar pelo pescoço rasgado, a cabeça perdida, os braços desossados, o peito sumido. O cachorro, antes longe, longe, chegou perto, perto. A mãe chorou, a mãe chutou. Chutou com veneno. O cachorro. A espinha comprida, ereta, o lenço já tirado da cabeça – já para pedir a Deus a entrada da filha aos céus. Fosse composta e conduzida. Fosse como pela última vez vista. No batente, adeus. No cabelo, adeus. No sorriso que sempre dava à porta, antes de os dois saírem: mãe e pai. A menina sozinha, que brincava. Conversava com os olhos da boneca. Uma pelúcia destrocada. Umhas pernas sujas e por ela encantadas. Alguns frisos de cabelo. Cresposos. Agora, esponjosos de sangue. A mais fria imagem de amém, Nossa Senhora. Esse agudo extremo da dor. Dor. Dor. E incompreensão. E mitificação. E os milagres

que a vida ali sempre oferece. A plantação de jerimum, de cana, de feijão. O prato nosso de cada dia. O milagre que a Santinha, depois da agonia, faria. Chegaram guardas e homens, mais homens do campo. Vizinhos que moram nas casas caídas, banhadas na vizinhança do açude. As almas noturnas. Perambularam na esperança de encontrar o matador, no rastro deixado. O matador pelo cheiro. O matador que não poderia estar distante. Nem escondidinho. Nem na paz da consciência. Que homem assim, bicho assim, tremeria dentro da mata. Suaria para as corujas, os ratos. Os ratos denunciariam. As corujas falariam, dariam sinal. O homem está perdido. Atirariam nele e o esfolariam. Trariam o corpo dele, arrastando. Ferida por ferida, cheia do espinho da terra, das pedras da terra. E lá, quase morto, seria queimado pela população. Mas a escuridão não ajudava. A escuridão. O mal, a morte. Quem quer que fosse, um dia pegariam. Um dia. Antes mesmo que o covarde atraísse a outra vítima com brinquedos coloridos, chegando na casa dos outros e pedindo um pouco d’água. O sol de matar. “Seu pai tá aí dentro?”, e ela disse “Foi trabalhar”, “Sua mãezinha?”, “Trabalhar”, “Vou entrar”, “Rã”, “Roubar água”, “No pote”, “Água”, o copo, a caneca, a boneca, o chão de cimento, “Paiiiii”, na hora do corte.

CAPA

PEDRO MELO SOBRE FOTOS DE NATI CANTO



As “balas” de Marcelino não vão se perder

Cenógrafo revela como *Angu de sangue* ganhou novo significado no teatro

Marcondes Lima



Meu encontro com Marcelino Freire se deu por conta da “fome” de atores. Nada melhor, para um diretor de teatro, que ter essa força motriz para uma criação. André Brasileiro, um dos que paqueravam os contos do livro *Angu de sangue*, foi quem me serviu essa pedrada literária.

Quanto mais o livro me seduzia, mais a coisa ficava com cara de namoro. Terminou descambiando para casamento. Explico: o Coletivo Angu de Teatro (com André Brasileiro, Fábio Caio, Gheuzza Sena, Hermila Guedes, Ivo Barreto e Tadeu Gondim na produção) foi concebido durante a montagem e temporada do espetáculo *Angu de sangue*. Isso aconteceu devagar, sem premeditação, ao longo de quatro anos, desde uma primeira leitura em 2000. Sei que entrei na Nova Era já com Marcelino a colocar suas cantilenas em meu juízo e ouvidos. Coisa que sabe fazer como quem bota pedras em nosso sapato.

De cara percebi que ele usa a língua como arma, cheia de balas que não se perdem. Aos poucos me dei conta de que tínhamos muito em comum: viemos do interior; gostamos de “mastigar” coisas que não são do agrado de todos, de bulir e remexer em tudo. Temos jeito recifense, cara sertaneja e espírito estrangeiro. Somos de uma mesma geração de migrantes.

Lembro que nosso primeiro encontro de corpo presente aconteceu já em clima de ensaio, em 2003. Ele veio nos falar de sua obra e processo de criação. Confessou que escreve para ser lido em voz alta, que a oralidade ali é trabalhada como um resgate de sua ancestralidade. Foi quando nos presenteou com seu *Balé ralé*. Tiramos dali dois personagens que foram direto para o Angu que estava sendo preparado com nosso sangue e impressões digitais.

Sua visita mudou o curso daquela história. Serviu para uma redefinição conceitual de nosso projeto artístico. Terminou por adubar alguns princípios filosóficos do grupo: criar coletivamente; experimentar cruzamentos estilísticos entre linguagens artísticas; utilizar textos que não foram escritos para teatro; apostar em autores pernambucanos (pelo menos até agora); tratar de questões contemporâneas; desviar-se dos estereótipos e mitificações

do Nordeste. Assim fomos trilhando o caminho do chamado teatro pós-dramatúrgico.

Passaram-se anos e o Angu foi engrossando. Chegaram outros integrantes: os atores Arilson Lopes, Ceronha Pontes, Marcia Cruz, Tatto Medini, Vavá Schön-Paulino; Nena Carvalho, para fazer par na dança com Tadeu Gondim; e os parceiros Jathyles Miranda (luz), Henrique Macedo (música), Oscar Malta e Tuca Siqueira (vídeo). Todos continuam devotos de “Padrinho Marcelino”, que não nos dá somente pão e vinho. Artaudianamente pestilento, ele faz mais que isso. Seu último ingrediente pro Coletivo Angu foi Rasif, em 2008. Mais pedra para a construção de nossa trajetória.

Fomos ganhando o mundo com Marcelino. Logo no primeiro ano servimos nosso Angu pelo nordeste. Desde 2004, brincamos com o amigo Brasil afora. Deixando o público de cabelo em pé, com suas criaturas, do Oiapoque ao Chuí (ou quase isso). Em 2009, através de um projeto de circulação de espetáculos mantido pelo SESC, saímos disseminando a “peste” do Marcelino. Girando por palcos do Ceará, Alagoas, Paraíba, Piauí, Maranhão,

Esse escritor não garante lugar certo para a moral e para os bons costumes. Não é politicamente correto nem panfletário

Pará, Mato Grosso, São Paulo, Santa Catarina e Rio Grande do Sul.

Não há como negar a afinidade que se firmou entre nós. Gostamos de jogar com palavras e cenas. Apreciamos destilar poesia com humor ácido e desconcertante.

Não é brincando que esse autor afirma escrever “para se vingar”. Desfaz-se do sentimento de impotência e indignação, levando leitores e espectadores a encararem fantasmas assombrosamente familiares. Seus personagens realmente dão vexames homéricos. São sombras de língua solta que vão desnudando carências e contradições que não são apenas delas. E caem muito bem em nossa cena.

Marcelino não julga suas criaturas, nem garante lugar certo para a moral e para os bons costumes. Não é politicamente correto nem panfletário. Sem dó nem piedade, vai despelancando as figuras e deixando à mostra os ossos de conflitos íntimos. No papel ou no palco elas não fazem cara de coitadas. Da exclusão em que vivem extraem grandeza e fiapos de dignidade. Cavam espaços de afirmação pelo lado avesso.

Falam que ele encontrou uma fórmula literária (se é que isso existe) e tornou-se repetitivo. Mas suas crias me parecem sempre novas e continuam a instigar meu juízo e imaginação. Certa vez ele disse: “Eu quero ir até o fundo do poço com a minha linguagem. Repetir, repetir, repetir até ficar diferente...”. Faço minhas as suas palavras, pois em teatro não é diferente. No Coletivo Angu elas serviram como mantra de nossa pesquisa em busca de uma linguagem própria.

Instados por sua produção, temos procurado dissolver o conforto dos olhares anestesiados pela banalização da miséria e da violência. Nossas “radiografias” expõem fraturas sociais. No entanto, não estamos aqui para apontar o remédio ou tratamento para problema algum. Queremos mais é que Marcelino nos ofereça outro tantinho de nitroglicerina para agitarmos em cena.

Marcondes Lima cenógrafo e responsável pela Companhia Angu de Sangue de Teatro

DESCANSE EM PAZ

PEDRO MELO SOBRE FOTO DE DIVULGAÇÃO



O outono do patriarca e de toda uma época

Nos anos 1980, nada melhor para um esquerdista do que ler sobre as utopias cubanas

Samarone Lima

Fidel e a Religião – Conversas com Frei Betto foi lançado em 1985, pela saudosíssima editora brasiliense – com o bê minúsculo mesmo – quando os militares finalmente largaram o osso, depois de 21 anos de “grosseira generalizada”, como bem diz a poeta Adriana Perrucci.

Foi um sucesso tão estrondoso, que, no ano seguinte, estava na 14ª edição. A edição que tenho comprei num sebo do Recife. Pertenceu a Cecília Queiroz. A assinatura da ex-proprietária é de 1989. Pena que ela não colocou a data precisa, porque, em 9 de novembro deste mesmo ano, o Muro de Berlim virava pó, após a derrocada dos regimes socialistas. Começava para vários povos outro tempo; velhos tiranos deram no pé, mas ao povo cubano coube o início de um período mais terrível, de uma grande fome, batizado de “Período Especial”.

Nessa metade dos anos 80 há uma espécie de devoção brasileira ao regime cubano. Em 1976, fora lançada a 1ª edição de *A ilha – Um repórter brasileiro no país de Fidel Castro*, de Fernando Moraes. Em 1987, estava na 26ª edição, com mais de 200 mil exemplares vendidos. Ou seja, Cuba era um ótimo produto editorial.

Não sei quando li pela primeira vez as 379 páginas das conversas de Frei Betto com Fidel. Se comprei o livro em 1989, caminhava para o segundo ano do curso de Jornalismo da Católica. Lembro que a impressão geral que tive foi de que alguém tinha sido levado no papo, após 23 horas de conversas. Quando um frade dominicano fala da “emoção do longo encontro” e faz perguntas do tipo “Como o senhor começou a ser sensível à causa dos pobres?”, parece jogar milho ao pombo, e a “entrevista exclusiva” se torna uma maçante exibição retórica de Fidel.

Há momentos na conversa que dão ao livro hoje um caráter jurássico. Betto pergunta se no Partido Comunista cubano não se admite a presença de cristãos.

“É verdade, não se admite”, responde Fidel.

“Correto”, prossegue o brasileiro, que depois pergunta se há possibilidades de que venha a se tornar um partido laico, ou de que um cubano cristão revolucionário possa pertencer às fileiras do Partido.

“Bem, creio que esta é uma das perguntas mais interessantes e mais importantes que você fez em relação ao tema da religião e da Revolução”, prossegue Fidel, que passa a contar uma história

acontecida em 1951. Claro que ele não responde a essas nem a outras perguntas fundamentais. São conversas, não um diálogo propriamente dito.

O livro poderia ser muito bem utilizado nos cursos de Jornalismo como exemplo de como não fazer um livro de entrevistas. A admiração do entrevistador pelo entrevistado retira do cenário qualquer posição crítica, questionamento. Um fala, o outro grava e transcreve. A revisão da transcrição das fitas coube ao próprio Fidel.

PISTAS PARA HOJE

Se por um lado *Fidel e a Religião* merece descansar no Museu da Revolução, nas entrelinhas é possível encontrar pistas para a Cuba de hoje, envenenada pela corrupção e repressão. Há 25 anos, Fidel admitia uma das chagas do regime:

“Me falta acrescentar que os bispos se interessaram também por alguns casos de presos contra-revolucionários e que estariam com problemas de idade

Fidel e a religião foi um sucesso tão estrondoso de vendas, que em um ano já estava chegando à 14ª edição nas livrarias

de saúde. Trouxeram uma lista e lhes prometi que seriam analisados todos os casos que tivessem de fato problemas de saúde”.

Ele está falando sobre isso em maio de 1985.

Em 12 de junho de 2010, o preso político Ariel Siegler, um dos 75 ativistas comunitários e jornalistas presos durante a “Primavera Negra”, de 2003, foi solto, graças à intervenção da Igreja Católica. A foto de Ariel, esquelético, em uma cadeira de rodas, circulou pelo mundo. Pena que outros não tiveram a mesma sorte. Meses antes, em 24 de fevereiro, após 82 dias de greve de fome, o preso político Orlando Zapata Tamoyo, de 42 anos, morreu. No dia do seu enterro, mais de mil agentes, entre policiais e militares, acompanharam o enterro. Zapata foi rapidamente promovido pelo regime cubano à condição de criminoso comum.

Mas cada época tem seus livros, seus pensadores, seus críticos. O livro de Betto é também seu testamento político. Após a última entrevista, chega a ser comovente o júbilo que sente por ter conversado longamente com o comandante.

“Já é dia seguinte quando encerramos a longa entrevista. A certeza de ter em mãos um material inusitado, e de grande interesse internacional e histórico, faz-me sentir pequeno, como se carregasse um peso superior às minhas forças. Inundam-me uma fraternal admiração por Fidel e uma silenciosa oração de louvor ao pai”.

O livro é dedicado a “todos os cristãos latino-americanos que, entre incompreensões e bem-aventurança da sede de justiça, preparam, a exemplo de João Batista, os caminhos do Senhor no socialismo”.

Fidel e a Religião fez a cabeça de muita gente de esquerda, nos anos 80.

Pena que livros mais críticos, como *Carta a Fidel Castro ano: 1984* (Publicações Europa-América), do grande dramaturgo espanhol Fernando Arrabal, não tenham circulado devidamente pelo Brasil.

Olho para o livro de Betto, já amarelado, velho. Vai se desfolhando, como a Revolução Cubana.

ONDE ENCONTRAR?



Este livro de Frei Betto está descansando tão em paz que está fora de catálogo. Mas se você quiser encontrá-lo, a dica é o site www.estantevirtual.com.br



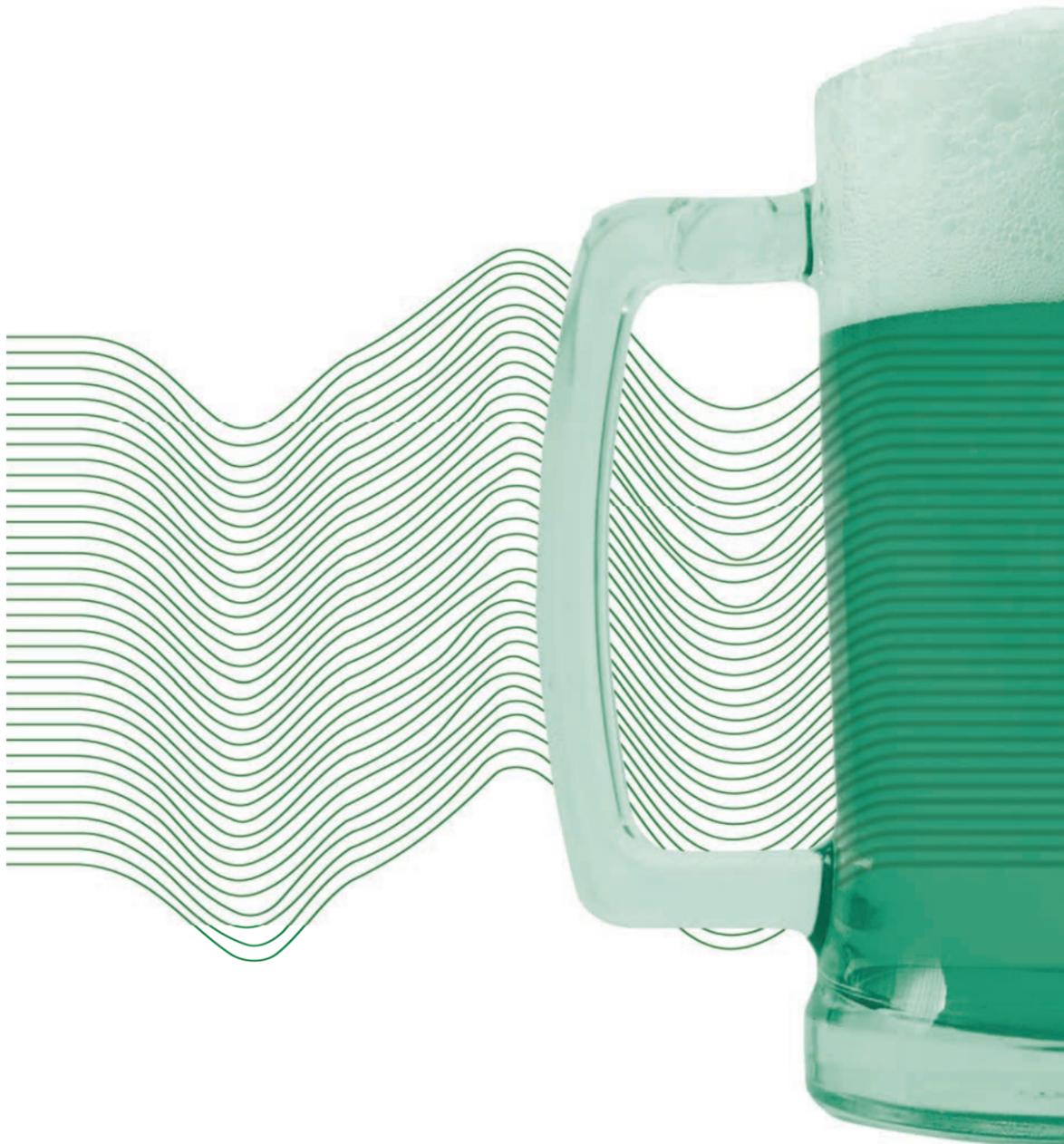
ENSAIO

Lacan, tão transparente como um chope

Slavoj Žižek propõe um manual do polêmico (e complicado) pensador

Paulo Carvalho

PEDRO MELO



Em entrevista concedida a Emilio Granzotto, em 1974, publicada pela *Magazine Littéraire* (nº 428, de 01/02/2004), Jacques Lacan, o pensador obscuro, cifrado, que falava ou escrevia *para não ser compreendido*, advertiu: “psicanálise não é coisa para crianças”.

Sobre a larga incompreensão que provocavam no meio intelectual suas ideias, seus conceitos, seu estilo vertiginoso (um vai-e-vem pontuado por imagens topológicas, paradoxos e uma semântica para lá de problemática), Lacan também arriscou prever: “Estou convencido de que em dez anos, no máximo, aquele que me lerá me achará extremamente transparente, como um belo copo de cerveja. Talvez até se diga então: Esse Lacan, que banalidade!”.

Não se equivocou por completo. Os temas de seus seminários e escritos, não obstante a impenetrabilidade para os leigos, transformaram-se em motes banais, ou quase isso. “Tive mais sorte que Freud”, diria sobre seus leitores e seguidores, mais numerosos (e dignos de respeito) que os angariados por seu precursor quando vivo.

Lacan lembra que *A interpretação dos sonhos*, primeiro livro lançado por Freud, em 1900, vendeu apenas 300 exemplares em alguns anos, enquanto a meia dúzia de alunos que acompanhavam o mesmo Freud eram tidos como loucos “pouco confiáveis”.

Lacan, pelo contrário, edificou uma escola. Acumulou, como escreve Elizabeth Roudinesco na melhor biografia do psicanalista (*Jacques Lacan - Esboço de uma vida, história de um sistema de pensamento*, Companhia das Letras), além de conhecimento vindo de “todos os lugares nobres da cultura”, além de todos os objetos e mulheres que desejou, sucesso incontestável. Foi lido, seguido e cultuado em vida como um popstar por três gerações de discípulos.

Dos ensinamentos, uma orientação: era preciso se desfazer da “psicanálise de conforto”, de salão; levar a prática para além do tratamento do comportamento; para além, ou aquém, da ciência e da

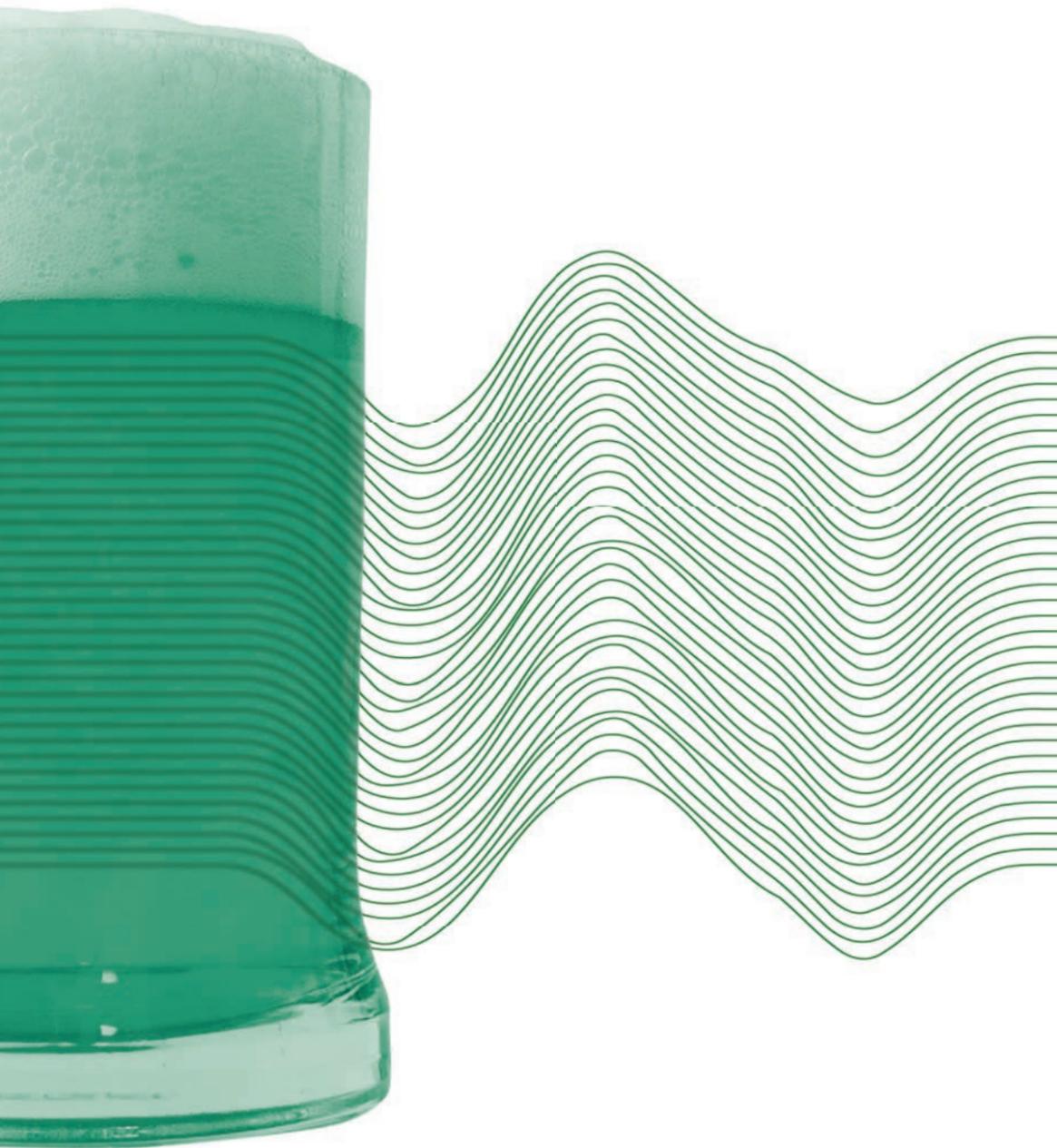
filosofia – de volta, enfim, à origem freudiana. Para Lacan, a psicanálise era o sintoma revelador do mal-estar da civilização, uma prática capaz de introduzir, na vida comum, o “impossível”, o “imaginário”. A psicanálise, segundo o pensador, desejaria solapar a lassidão de nossas vidas, despertar-nos *para* o tédio profundo de uma existência justificada pelo progresso material.

Dos seus seguidores chegam-nos instrumentos sem os quais seria improvável qualquer diálogo. Todavia, os numerosos livros de introdução a sua obra, dedicados ao debate de conceitos fundamentais, seminários, passagens dos escritos, são mais do que o acúmulo de pesquisas e leituras que surgem com o tempo e a sacralização de um pensamento vultoso.

Esses reescritos, dos quais Lacan também foi autor nos últimos dez anos de vida (como acena Roudinesco, um sintoma – também de seus discípulos – que manifesta o desejo de contornar, ou restaurar, os impasses do seu sistema de pensamento), são contíguos à vontade do próprio Lacan de criar, no leitor, efeitos que não se confundissem com os de significado. No estilo de Lacan ressoa a velha máxima psicanalítica: “você não está compreendendo o que você pensa que está compreendendo”.

Slavoj Žižek, filósofo e psicanalista esloveno, especialista no autor de *Kant com Sade*, esclarece o tema da impenetrabilidade em *Como ler Lacan* (Jorge Zahar, 160 pág.), seu mais recente título editado no Brasil. Além dos textos ocasionais, aponta Žižek, poder-se-ia organizar a obra do pensador em dois grupos: os seminários, ministrados semanalmente, e a um público cada vez maior, de 1953 até sua morte, em 1981; e os escritos, textos teóricos destinados a publicações impressas. Dessa divisão, contudo, surgiria um paradoxo pouco comum, apontado pela primeira vez por Jean-Claude Milner: ao contrário do que acontece usualmente com a oposição entre “ensinamento oral secreto” e “obras





impressas para o grande público”, os escritos de Lacan seriam “elitistas”, abertos somente para um “círculo íntimo”, enquanto que seus seminários se dirigiriam a uma audiência mais ampla, e, como tal, seriam mais acessíveis.

“É como se Lacan primeiro desenvolvesse certa linha teórica de maneira direta, com todas as suas oscilações e becos sem saída, e depois passasse a condensar o resultado em cifras precisas, mas comprimidas”, sugere Žižek.

Os seminários e escritos de Lacan (toda sua obra no Brasil é publicada pela Jorge Zahar) seriam, assim postos, como dois discursos diferentes: o do analisando, no primeiro caso, e o do analista, no segundo. Nos seminários notam-se as associações livres, improvisações, omissões e saltos, dirigidos a um público que funcionaria como um “analista coletivo”.

Nos escritos, por outro lado, condensações, fórmulas: “eles lançam proposições ilegíveis, ambíguas, que muitas vezes parecem oráculos, desafiando o leitor a começar a trabalhar sobre elas, a traduzi-las em teses claras e fornecer exemplos e demonstrações lógicas de seu sentido”, acrescenta o esloveno.

Lacan subverte assim a prática acadêmica da formulação de teses e sua subsequente sustentação. Deixa o leitor na mão. É desse leitor o trabalho de defesa da tese, e não raras vezes é mesmo difícil localizar qual é exatamente a tese do psicanalista “entre a multidão de formulações conflitantes ou diante da ambiguidade de uma única formulação oracular”. Os escritos de Lacan seriam as intervenções de um analista, levando adiante, através do sem-chão de afirmações incompletas, o trabalho do analisando.

Mas entre os escritos e os seminários, o que deveria ser objeto de leitura, e em que ordem? “A única resposta adequada é uma variação da velha piada do ‘chá ou café’: Sim, por favor!”, aconselha Žižek. Se for

diretamente aos escritos, o leitor nada compreenderá, e se, ao começar com os seminários, contentar-se em ficar apenas com eles, não terá, também assim, sucesso. A impressão de que os seminários são mais simples do que os escritos é enganosa.

De um seminário deve-se passar ao escrito correspondente, “de maneira a ‘perceber’” sua “essência”. “Estamos lidando aqui com uma temporalidade de *Nachträglichkeit* (grosseiramente traduzido como ‘ação adiada’), característica do próprio tratamento analítico: os escritos são claros, fornecem fórmulas precisas, mas só os podemos compreender depois de ler os seminários que preenchem seu pano de fundo”, escreve Žižek. À leitura do Seminário 7, *A ética da psicanálise*, dever-se-ia fazer acompanhar o texto *Kant com Sade*, como também, por exemplo, ao Seminário 11, *Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*, fazer acompanhar a leitura de *Posição do inconsciente*.

Lacan deixou sob responsabilidade de seu genro, Jacques Alain Miller, a edição francesa de seus seminários. O aluno, considerado pelo próprio Lacan como “o único que sabe como me ler”, é para Žižek o autor das melhores introduções à obra do mestre (*Perspectivas do Seminário 5*, *Perspectivas do Seminário 23* e *Para ler o Seminário 11 de Lacan*, títulos também da Jorge Zahar). “Miller opera o milagre”, lembremos, talvez o milagre previsto por Lacan em sua entrevista à Granzotto, “de tornar uma página obscura dos escritos completamente transparente, de modo que ficamos nos perguntando: ‘como foi que eu não percebi isso sozinho?’”, indica Žižek.

Também são sugeridos pelo pensador esloveno, textos introdutórios de Bruce Fink e Darian Leader, este último, autor de *Por que as mulheres escrevem mais cartas do que enviam?*, editado pela Rocco. Žižek sugere igualmente as introduções de J.-D. Nasio, Antonio Quinet e Antonio Godino Cabas, todas publicadas no Brasil. Nas “conexões do Campo Freudiano”

(leitura lacaniana de fenômenos culturais e sociais), destaca Eric Santner, com *A Alemanha de Schreber*, da Jorge Zahar.

LIÇÕES LACANIANAS

O famoso caso Sokal é, ainda, revelador sobre o tema. No artigo *Transgredindo fronteiras: em direção a uma hermenêutica transformativa da gravitação quântica*, publicado em 1996 na respeitável e “pós-moderna” *Social Text*, o professor de física da Universidade de Nova Iorque, Alan de Sokal, endereçava críticas veladas ao estilo incompreensível de Lacan.

Tratava-se de um artigo sem pé nem cabeça e repleto de citações francófilas que o próprio Sokal desmascararia em um outro texto, dessa vez publicado pela *Língua Franca*, visto que a *Social Text* recusara editar o desfecho do projeto.

Percebe-se, porém, na blague do respeitável professor de física, a expressão de uma angústia narcísica: o mesmo cientista que não tem esperanças de que o “homem comum”, ou mesmo parceiros cientistas de áreas diversas, venha a ter a compreensão exata do funcionamento de um fenômeno quântico ou químico é aquele que exigirá do discurso sobre o sujeito (ora, sobre aquilo que ele “pensa que sabe que é”), clareza, objetividade, familiaridade.

Noções lacanianas como “o Outro”, “objeto *a*”, “inconsciente estruturado como linguagem”, “alíngua”, “alienação” e “separação”, “metáfora paterna”, “gozo”

Žižek é um “ogro acadêmico”, tão cínico quanto o mestre aqui dissecado, dono de um estilo ágil e desnorteante

e “diferença sexual”, “matemas” e “nós borromeanos” fazem parte de um repertório conceitual estranho, que, para usar as palavras de Roudinesco, traduzem o esforço de criação de uma “escrita do que não se diz mas que pode se transmitir”. A Lacan, apenas interessava a transmissão de “um saber que tem a aparência de não se poder ensinar”.

Da linguística de Ferdinand de Saussure, a defesa da autonomia e primazia do significante em relação ao significado; de Claude-Lévi Strauss, o estruturalismo, o modelo de uma linguagem articulado a uma ordem simbólica; dos matemáticos, em especial do seu amigo, o católico Georges Th. Guilbaud, um modelo de estrutura topológico, operando “um deslocamento radical do simbólico para o real”.

De suas leituras, enfim, tão diversas, a vontade de fazer do discurso “monstração”, quer dizer, o desejo de pensar o estatuto diferencial do discurso psicanalítico como o movimento entre o dizer e o mostrar: *alíngua* (*lalangue*), o impossível da integralidade, o não-todo, o resto, “o saber que se sabe na ignorância de si próprio”.

Žižek, talvez não seja tarde para dizer, um “ogro acadêmico” tão cínico quanto seu mestre, dono de um estilo ágil desnorteante, levando o leitor em segundos de *Casablanca* a *Alien*, toma Lacan como Lacan tomou a todos (Platão, São Tomás de Aquino, Hegel, Kierkegaard...). Não o explica por meio de seu contexto histórico e teórico (ignora, assim, completamente a teoria de Lacan sobre o que se passa no tratamento psicanalítico, na clínica), mas utiliza os conceitos lacanianos “para explicar nossas agruras sociais e libidinais”. Como ler Lacan, afinal? Responde Žižek: é preciso ler negando, ou melhor, reafirmando a ubiquidade do clínico. Assim, partidariamente, também fez Lacan em relação a Freud, consciente de que “a única maneira de manter uma religião viva é levar a cabo uma dissidência sectária de seu corpo principal”.

História, ciência e atualidades em bons livros



Assine.
Revista Continente.
Conteúdo é tudo.
0800 081 1201

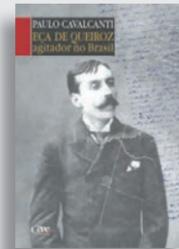
e-mail: assinaturas@revistacontinente.com.br



DICIONÁRIO COROGRÁFICO, HISTÓRICO E ESTATÍSTICO DE PERNAMBUCO
Sebastião de Vasconcellos Galvão

Publicados em 1908, 1910, 1922 e 1927, os volumes do *Dicionário Corográfico, Histórico e Estatístico de Pernambuco*, de Sebastião de Vasconcellos Galvão, ganharam reedição sob a coordenação de Leonardo Dantas.

RS 150,00



EÇA DE QUEIROZ - AGITADOR NO BRASIL
Paulo Cavalcanti

(edição em inglês e português)

Eça de Queiroz, agitador no Brasil, de Paulo Cavalcanti, é um livro que amplia a visão da última revolta em Goiana, província de Pernambuco, Brasil, ao examinar a maneira como os pernambucanos reagiram contra o arbítrio e o domínio português.

RS 30,00



O GIRASSOL
Garibaldi Otávio

Garibaldi Otávio estreia na literatura com o livro *O girassol*, coletânea de textos de toda uma vida. Mauro Mota observava, já em 1950, que a poesia de Garibaldi Otávio tem "a imagística sem parentesco, o descritivo mas penetrante, tirando sangue do íntimo das coisas".

RS 40,00



HISTÓRIA DA GUERRA DE PERNAMBUCO
Diogo Lopes Santiago

É um testemunho pessoal de Diogo Lopes Santiago, que residia em Pernambuco à época da invasão holandesa e ao início da Insurreição Pernambucana, em crônicas e diários, resultando numa narrativa minuciosa.

RS 40,00

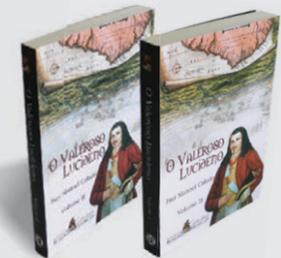


DIÁRIO DE UM SOLDADO
Ambrósio Richshoffer

OLINDA CONQUISTADA
Pe. João Baers

Coletânea sobre o período do Brasil holandês, apresenta as obras de Ambrósio Richshoffer e do Pe. João Baers. Duas visões de um mesmo momento histórico, descrevendo o dia a dia do domínio holandês no Brasil.

RS 30,00



O VALEROSO LUCIDENO
Frei Manoel Calado

Os dois volumes englobam uma extensa bibliografia sobre o Brasil holandês, e contém o testemunho do frei Manoel Calado do Salvador, um contemporâneo e participante da ocupação holandesa no Nordeste.

RS 25,00 (unid.)



O CASO EU CONTO COMO O CASO FOI
Paulo Cavalcanti

Composta por quatro volumes, a obra, que tem como subtítulo geral *Memórias Políticas*, narra as experiências de Paulo Cavalcanti dentro do contexto sociopolítico que vai da Coluna Prestes ao fim da ditadura.

Caixa com 4 livros - RS 120,00



DOM HELDER - CIRCULARES CONCILIARES E CIRCULARES INTERCONCILIARES
Luís Carlos Luz Marques e Zildo Rocha (Org.)

Em cerca de 600 cartas, Dom Helder Camara expõe suas ideias e relata sua atuação nos bastidores do Concílio Vaticano II, que levou a Igreja latino-americana a assumir a opção pelos pobres e a tomar partido pela justiça social.

Caixa com 6 livros - RS 160,00



MARCO ZERO
Alberto da Cunha Melo

O jornalista e poeta pernambucano Alberto da Cunha Melo assinou a coluna Marco Zero, na revista Continente, sobre questões culturais. Este livro é uma coletânea de seus melhores momentos.

RS 24,00

LANÇAMENTOS RECENTES



A NOITE SEM SOL
Luiz Arraes
Em seu novo livro de narrativas, Luiz Arraes fala de seres urbanos solitários, às voltas com a violência e o sentimento de perda, e, também, em busca de um sentido para suas vidas. São contos curtos, duros e afiados, que deixam marcas na consciência do leitor.



ESTÃO TODOS DORMINDO
Edson Nery da Fonseca
Estão todos dormindo é uma coletânea de perfis de personalidades marcantes da cultura brasileira, nos quais Edson Nery da Fonseca mescla informações precisas com citações literárias e testemunho pessoal, numa prosa límpida, elegante e tão envolvente que transforma o leitor em cúmplice do que narra.



DE RUAS E INTI-NERÁRIOS
Alexandre Furtado
De ruas e inti-nerários é o primeiro livro de Alexandre Furtado. A obra reúne poemas com um olhar sobre o Recife, num roteiro íntimo que liga a nostalgia do passado com os rumos às vezes amargos do presente, mas sempre demonstrando seu amor pela cidade.

INÉDITOS

Conrado Falbo

SOBRE O AUTOR

Conrado Falbo é doutorando em teoria literária, ainda inédito em livro e mantém o site www.conradofalbo.com

Haiku

I

às vezes falta
a eloquência do eco
quando diz silêncio

II

corredor comprido
ecos dos meus próprios passos
me fazem fugir

III

bocado de pêra
derretendo em minha língua
como grãos de pérola

IV

mil dedos de chuva
tocam piano nas folhas
em frente à janela

V

hora do recreio
folhas brincam com o vento
no pátio vazio

INÉDITOS

Felipe Arruda

EN.

6

Dois fuscas se chocaram. O que vinha mais rápido era de um verde opaco fruto de muitas tardes de sol chapando a laticaria. Sol de Santos, podia-se ver pela placa que agora pendia sobre o capô do outro fusca, esse de cor rosa-choque, que descera a ladeira brechando em ziguezague. O fortíssimo impacto amalgamou os veículos de tal forma que a parte dianteira do fusca verde foi engolida pelo fusca rosa, sendo mastigada para o seu interior, criando uma insólita noção de dentro e fora. Após três capotadas, os dois automóveis imóveis escancaravam de barriga pra cima o avesso das latas, cuja ferrugem marrom completava o azul claro do céu no melhor clima retrô. Interessante notar que os pneus do fusca - difícil saber se do verde ou do rosa - estouraram e desmaiaram como massa de pão fervendo no asfalto, fumaça saindo, o céu queimado. As antenas dos carros voaram, mas permaneciam ao redor da cena equilibrando o tom prata presente também nos para-choques que, contorcidos, lembravam esculturas de John Chamberlain. Poderia-se valer da poesia dizendo que foi um verdadeiro abraço de fuscas, não fossem os pedaços de carne estilhaçados por toda a carcaça, que salteavam de vermelho negro aquela composição verde-rosa, comprometendo o que seria uma notável referência ao samba da Mangueira.

SOBRE O AUTOR

Felipe Arruda é escritor e gestor cultural. Escreve no blog felipearruda.blogspot.com. Participou da antologia de contos *Tempo bom*, publicada pela Iluminuras.



7

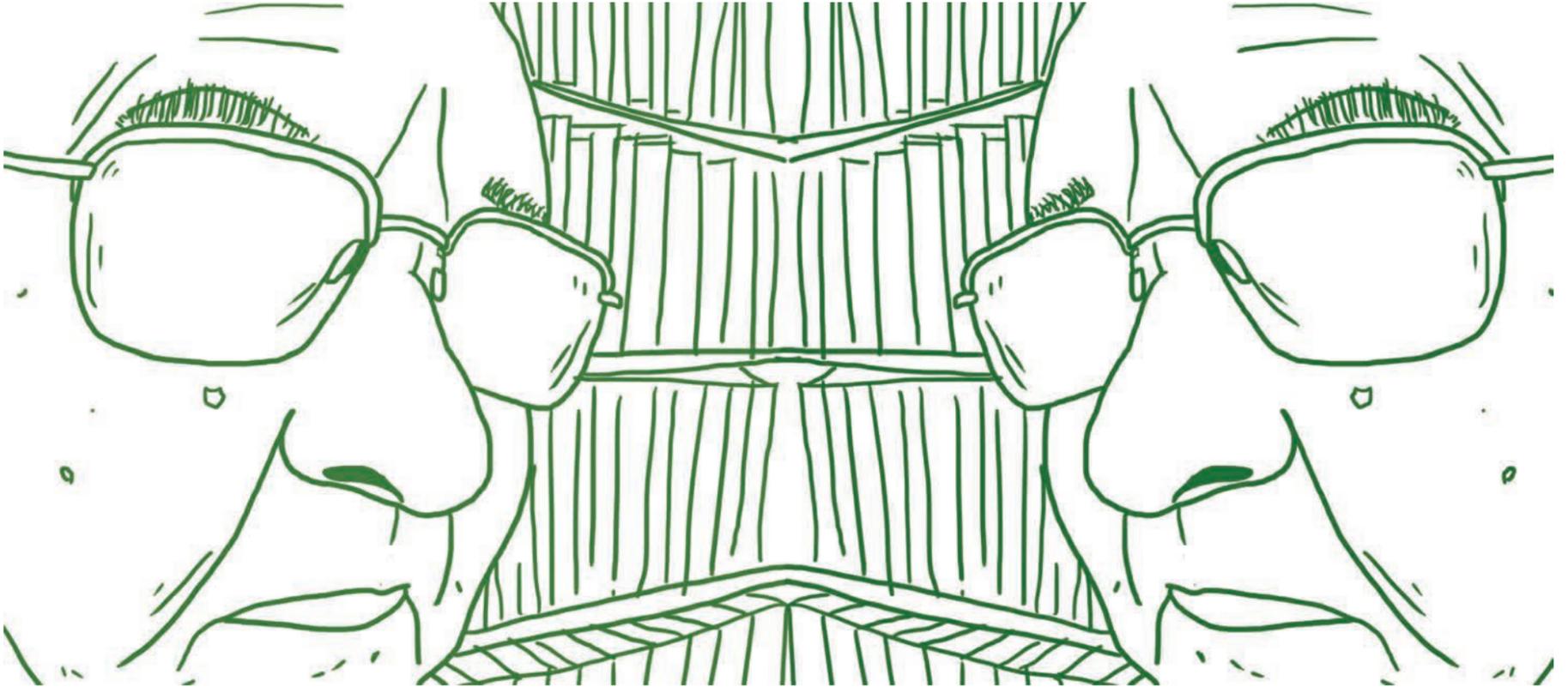
Uma placa foi instalada na fachada de um prédio. A placa branca de 4 por 5 metros tinha letras negritas de tamanho 25 na fonte verdana. A placa trazia o escrito: letras negritas de tamanho 25 na fonte verdana impressas em uma placa branca de 4 por 5 metros instalada na fachada de um prédio. O menino que passava de bicicleta parou. Foi comprar um sorvete na banca. O sorveteiro abriu uma geladeira farta de opções. Na embalagem de todos os picolés, o mesmo nome: Picolé. Aproveitou para comprar um refrigerante preto com bolhas gaseificadas e lata vermelha e branca, e foi para casa. Sequer entrou pelo portão e o cão já latia au au. Para o cão, o menino exclamou au au enquanto encostava a bicicleta num volume vertical construído a partir do empilhamento de tijolos e que serve para guardar a casa da rua. Esperava então que sua mãe, Dona Márcia, o chamasse para jantar quando uma voz feminina o chama para jantar e logo identifica que era sua mãe. No prato uma porção suculenta feita por sua mãe de carne, molho e champignon tinha gosto de stroganoff. Para beber sua mãe ofereceu um líquido inodoro, insípido e incolor, beba bastante meu filho. Meu filho estava cansado e, sem muita reflexão, decidiu entrar dentro do quarto da casa e foi dormir deitado na cama, fechando antecipadamente os olhos para um melhor resultado. Meu filho mesmo de olhos fechados recebeu imagens enquanto dormia dentro do quarto. Numa das imagens meu filho viu um menino andar de bicicleta e notar uma placa que dizia: procura-se letras negritas de tamanho 25 na fonte verdana impressas em uma placa branca de 4 por 5 metros instalada na fachada de um prédio ao lado de um sorveteiro que tenha farta opção de picolés para meu filho de bicicleta a caminho de casa, cão, sua mãe e stroganoff.

8

Dezembro. Uma casa pra alugar. Em cima da mesa da sala, um calendário. Longe de quem morava lá. O sol diário bate nas páginas, amarela. E venta. Novembro. Deixaram a casa há meses. Amor, vem que o jantar tá pronto. Repare na tinta da parede, como ela estufa e recolhe, estufa e recolhe, estufa. Amor, eu gosto tanto daqui. Repare no teto que mancha e desmancha. Em cima do calendário. Venta. Outubro. Uma traça degusta um livro esquecido, a grama cresce dentro do ralo, e o ponteiro do registro d'água descansa. É pique, é pique, é hora é hora é hora, filho, tira a mão do bolo! Venta. Setembro. Os barulhos da rua entram e saem pelos quartos. Repare no calendário, decorando os dias. Venta venta. Julho. Junho. Julho. As folhas secas gostam dos cantos. Saem para dançar mas voltam. Tem muita vida nas quinas, das aranhas, repare. Vamos convidar a vovó? E se a gente fizesse um ofurô? Venta. Maio. As páginas mais amarelas. Toda chuva evapora e não chega ao porão. Repare. A casa descasca. Meninos, cuidado com a bola. Entra luz pelo vidro quebrado. E venta. Abril. Mais meninos. Venta. Março. O calendário em cima da mesa. Mesa, cadeira. Poeira. Não repare. Venta. Janeiro. 5 filhos. Amor, e se a gente mudasse pruma casa maior?

RESENHAS

PEDRO MELO



Gilvan Lemos, no silêncio e na solidão do texto

Amigos do escritor escolhem seus melhores contos, que são reunidos numa nova antologia

Raimundo Carrero

O homem volta para casa depois de um dia de luta, de uma noitada de chopes com os amigos habituais, e o que encontra debaixo da cama? Um jacaré. Assim mesmo, com todas as letras: um jacaré, cujos olhos enfeitiçam esse mesmo homem. Daí em diante surge uma grande amizade. Mas que amizade? Loucura, embriaguez, solidão? Assim nasce um dos contos mais bem elaborados de Gilvan Lemos – “J. Bobinho” –, esse notável escritor pernambucano, cada vez mais admirado.

Tão admirado, quase um mito no seu silêncio e na sua solidão, que os amigos se reuniram para lançar uma antologia brilhante: *Os melhores contos de Gilvan Lemos escolhidos por seus amigos*, publicada pela Editora Nossa Livraria, fundada também por um dos seus melhores amigos: João Luiz, falecido há pouco tempo. Calado, solitário, casmurro, Gilvan nem

comemorou a edição do livro – ou comemorou em silêncio? –, que vai desaparecendo das livrarias. Tem bons leitores, muitos leitores. É uma obra forte, densa, irônica, capaz de surpreender até os mais exigentes.

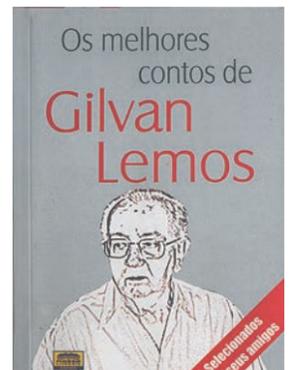
Na antologia aparecem contos marcantes, como *Homem D...*, escolhido por Paulo Fernando Craveiro; *Bloqueio*, por Janilto Andrade; ou o ótimo *Ex-noite*, por Cyl Galindo. Esses três amigos, e dos melhores, indicaram essas obras que podem figurar entre as melhores do Brasil, até porque reúnem estilos, formas e estruturas muito próprias do escritor homenageado. Em todas, a marca central do homem silencioso: a solidão. Essa palavra poderia figurar até como título geral de sua obra, pelo que tem de íntimo com ele próprio. Pode defini-lo perfeitamente. Tem sido assim desde que veio de São Bento do Una para o Recife,

em cujas ruas também encontrou alguns dos seus melhores personagens.

“Largaram-no de supetão às feras do silêncio, sob uma trama de tal forma planejada que ele se ausentara quase definitivamente de si mesmo”. Texto, personagem e atmosfera parecem muito com o autor, não é mesmo? Pois esse é o primeiro parágrafo do conto *Homem D...*, que o próprio Craveiro, que o escolheu, comenta da seguinte forma: “Elejo *Homem D...*, cujo primeiro parágrafo é admirável e o fim preenche o que se espera num conto: a surpresa. No entanto, o que se destaca imediatamente é a ilustração clara da personalidade do escritor, ele próprio adepto do silêncio e da solidão, morando num décimo segundo andar, no centro da cidade, de onde ele vê o ‘pessoal miúdo lá embaixo’, um bando de bonecos pra lá e pra cá, correndo

da vida. Trabalhando, comendo, dormindo, com medo de morrer... E correndo da vida”.

Sem dúvida, um autor que participa de corpo, sangue e alma da sua obra, e, por isso mesmo, perfeitamente compreendido pelos amigos. Aqueles que são capazes de lidar com o seu silêncio.



CONTOS

Os melhores contos de Gilvan Lemos escolhidos por seus amigos

Autor: Gilvan Lemos

Editora: Editora Nossa Livraria

Preço: R\$ 35,00

Páginas: 160

Mariza Pontes

NOTAS DE RODAPÉ

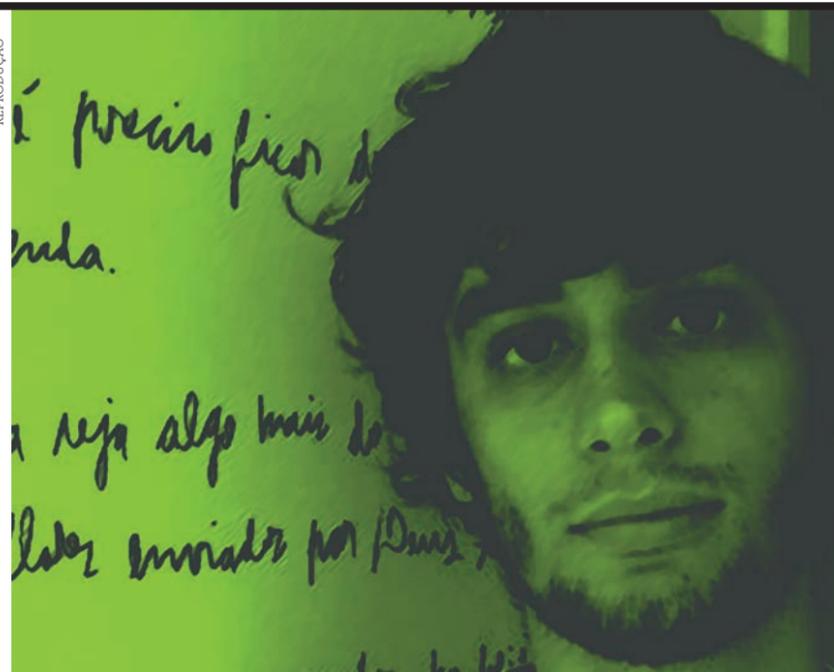
LITERATURA SOLIDÁRIA

Antologia de contos continua a levar tempo bom para as vítimas da enchente em Pernambuco

Sidney Rocha e Cristhiano Aguiar (foto), que lançaram há um mês a antologia de contos contemporâneos *Tempo bom*, pela Iluminuras, continuam batalhando para ajudar as vítimas das enchentes em Pernambuco. Lembram que o resultado das vendas continua sendo depositado na conta do Instituto Papai, afiliado da Abong, responsável pela

destinação dos recursos aos desabrigados. Os autores (nomes como Marcelino Freire, Alberto Mussa, Raimundo Carrero, Xico Sá, Rinaldo de Fernandes, Nelson de Oliveira, Gustavo Rios, Astier Basílio e Nivaldo Tenório), a editora e os demais parceiros do projeto abriram mão dos direitos autorais e dos direitos de lucro.

REPRODUÇÃO



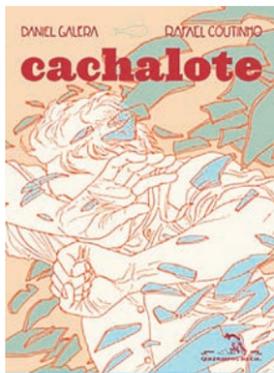
DIVULGAÇÃO



HQ em altíssimo estilo

Talvez a HQ mais esperada do ano, esse é o primeiro de uma série de trabalhos, a sair pela Cia. das Letras, que vai reunir escritores e desenhistas. Uma das expectativas da obra está no encontro da prosa de Daniel Galera com o traço de Rafael Coutinho. A graphic novel conta, paralelamente, seis histórias sem nenhuma ligação entre si. Os personagens vivenciam relações e crises essencialmente poéticas: a necessidade de isolamento de um escultor, a decadência de um famoso ator chinês, a expulsão de casa de um jovem rico, a depressão de um escritor provocada pela literatura, a gravidez de uma idosa e o conflito entre a pulsão sexual de um homem e a fragilidade de sua companheira. O traço de Coutinho, em preto e branco, é intencionalmente impreciso, e só

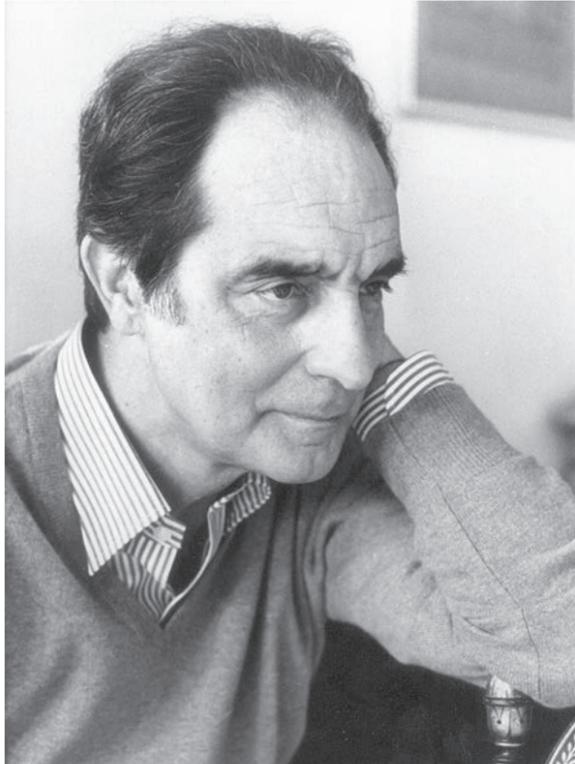
aparentemente aleatório. Como pequenos contos, as narrativas parecem surgir tão repentinamente quanto vão terminar; e, se não há pontos de contato nos relatos, eles possuem um sentido coletivo, exposto na sucessão de climas até o impactante final da história. **(DG)**



QUADRINHOS

Cachalote
Autor - Daniel Galera e Rafael Coutinho
Editora - Cia das Letras
Preço - R\$ 45,00
Páginas - 280

PEDRO MELO SOBRE FOTO DE DIVULGAÇÃO



Uma inusitada coleção

É tão bom contar com Italo Calvino para nos esfregar na cara a simplicidade e a poesia das coisas insólitas. “Há uma pessoa que faz coleção de areia. Viaja pelo mundo e, quando chega a uma praia de mar, à orla de um rio ou de um lago, a um deserto, a uma charneca, recolhe um punhado de areia e o carrega consigo. Na volta, esperam-na alinhadas em longas prateleiras centenas de frascinhos de vidro nos quais a fina areia cinzenta do Balaton, a areia alvíssima do golfo do Sião (...)”, descreve num dos textos de *Coleção de areia*, último livro organizado pelo autor, falecido em 1985, que ganha edição nacional pela Companhia das Letras. Aqui estão reunidos artigos que falam de uma simples (?) colecionadora de areia a um epítáfio emocionado para Roland Barthes. “Como toda coleção, esta também é um diário:

diário de viagens, claro, mas também diário de sentimentos, de estados de ânimo, de humores”, justifica o autor ao pontuar os textos da obra, tão instigante quanto alguns dos melhores momentos da sua ficção. Imperdível. **(Schneider Carpeggiani)**



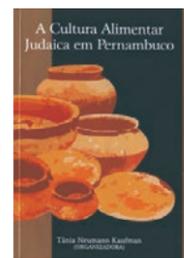
ENSAIOS

Coleção de areia
Autor - Italo Calvino
Editora - Cia. das Letras
Preço - R\$ 36
Páginas - 277

PRATELEIRA

A CULTURA ALIMENTAR JUDAICA EM PERNAMBUCO

Os especialistas em cultura judaica Tânia Kaufman, Daniel Breda e Beatriz Schwartz demonstram porque os alimentos são um traço tão marcante da identidade do povo judeu, e como seus hábitos alimentares tiveram de ser adaptados, no Brasil colonial, quando judeus e cristãos-novos temiam as interferências da Inquisição. O livro analisa a cultura alimentar em Pernambuco e as leis dietéticas judaicas nos séculos 16 e 17 (Kaufman); a alimentação dos judeus no Brasil Holandês (Breda); e a história, o sabor e a tradição da culinária judaica, em um capítulo coroadado por saborosas receitas (Schwartz).



Autor: Tânia Kaufman
Editora: Edição do Arquivo Histórico Judaico de Pernambuco
Páginas: 80
Preço: R\$ 25

UM MÍOPE NO ZOO E OUTROS CONTOS

O jornalista Jaime Gouvêa resgata os contos do poeta mineiro Ildeu Brandão, falecido em 1994, publicados de forma esparsa desde 1968 em suplementos e antologias. A obra inclui também textos inéditos que falam de acontecimentos do cotidiano, relatados com detalhes que, em sua narrativa, ganham dimensões grandiosas. A atmosfera é



carregada de sentimento e repleta de sutilezas, compondo histórias bem acabadas, em tom leve e simples.

Autor: Jaime Prado Gouvêa
Editora: UFMG
Páginas: 191
Preço: R\$ 35

CRONISTAS DO DESCOBRIMENTO

Reedição da antologia de cronistas do século 16, apresenta 13 cartas com relatos que descrevem o Brasil pela ótica dos descobridores e primeiros colonizadores: Pero Vaz de Caminha, Pelo Lopes de Sousa, Manuel da Nóbrega, André Thevet, Jean de Léry, Hans Staden, José de Anchieta, Pero de Magalhães Gândavo, Fernão Cardim e Gabriel Soares de Sousa. A obra faz parte da coleção Bons Livros, que reúne clássicos da língua portuguesa.



Autor: Antonio Carlos Olivieri e Marco Antonio Villa
Editora: Ática
Páginas: 168
Preço: R\$ 22,90

A EDUCAÇÃO INFORMAL PARA O TEATRO – ECOS DA AÇÃO DE ENTIDADES DA SOCIEDADE CIVIL DE PERNAMBUCO

Resultado de pesquisa acadêmica que estuda a prática do ensino informal de artes no interior de Pernambuco, o livro focaliza a produção pedagógica e artística do Teatro Experimental de Arte -TEA, de Caruaru, de 1963 a 2005, e a ação política da Federação de Teatro de Pernambuco - Feteape, que contribuiu para a difusão do ensino informal, na divulgação e circulação de espetáculos, na formação de grupos e organização de mostras e festivais de teatro, principalmente entre 1970 e 2002.



Autora: Didha Pereira
Editora: Babeco
Páginas: 146
Preço: R\$ 20

ILUSTRADORES

Fundação lança concurso ibero-americano

Até 3 de setembro, ilustradores de livros infantojuvenis podem enviar de três a cinco amostras inéditas de seu trabalho para participar do concurso promovido pela Fundação SM, pelo grupo El Ilustradero e pela Feira Internacional do Livro de Guadalajara (México), que dará origem ao *1 Catálogo Ibero-Americano de Ilustração*. O regulamento está nos sites www.edicoessm.com.br e www.fundacion-sm.com.

CORDEL NA UBE

Recitais movimentam universo cordelista

Com o acordo entre a editora Pantera Cordelária e a União Brasileira de Escritores - seção Pernambuco, os cordelistas pernambucanos têm mais um espaço para mostrar, toda última sexta-feira do mês, o seu trabalho: os jardins da UBE (Rua de Santana, 202, Casa Forte). A programação inclui recital poético, lançamentos e venda de CDs e folhetos de cordel. O horário é das 16h30 às 18h, com entrada franca.

PROJETO

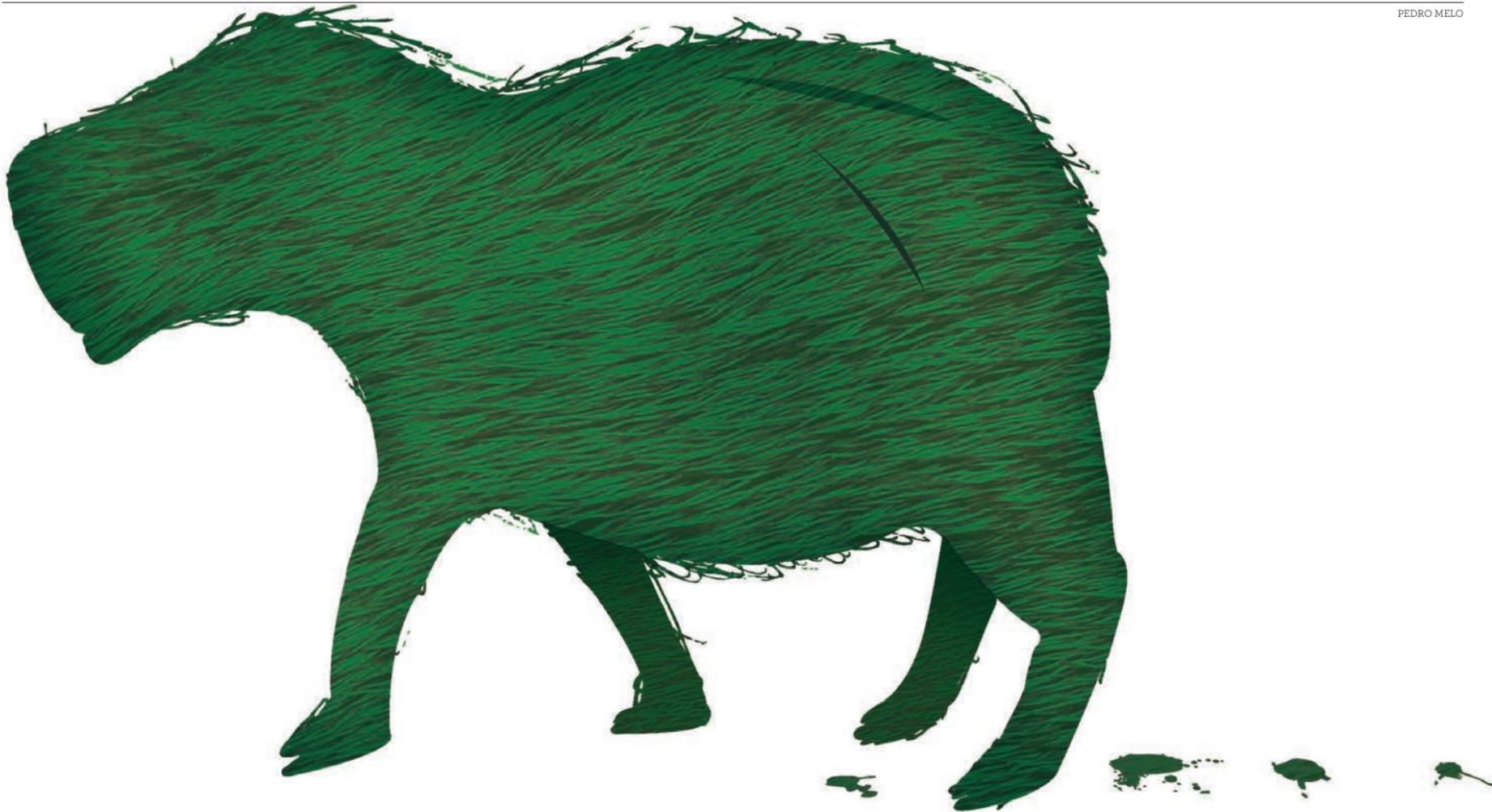
Sonetistas pernambucanos ganham novo catálogo

A Editora Babeco, de Olinda, lançou o Projeto Soneto 2010, dirigido a sonetistas nascidos ou radicados em Pernambuco. A ideia é publicar um catálogo da produção desses autores, com uma pequena biografia e foto do poeta, descrição do que faz e como vive. Serão 500 poemas, com tema livre. A editora está recebendo o material até 31 de agosto pelo e-mail babeco@oi.com.br ou editora@babeco.com.

CRÔNICA

Luís Henrique Pellanda

PEDRO MELO



E no princípio havia a capivara

Lancei meu primeiro livro. *O macaco ornamental*, numa sexta-feira 13, em novembro do ano passado. Naquele dia, como sempre, acordei muito cedo, e vi que minha estreia estava em todos os jornais. Com grande destaque, mas indiretamente. Na verdade, a estrela das matérias que me citavam era uma capivara. O bicho – de quarenta quilos, segundo informou *O Globo* – tinha amanhecido no quintal do Quintana Café, cenário da minha noite de autógrafos. Mistério quase sobrenatural. O Quintana fica no Batel, um dos bairros mais nobres e centrais de Curitiba. De onde teria vindo o roedor? – se perguntavam os jornalistas. E por que trazia dois ferimentos feios nas costas? Atropelamento? Maldade? Duas equipes do Corpo de Bombeiros foram designadas para capturá-la. A operação durou uma hora, e o trânsito na região precisou ser interrompido. Um transtorno memorável. Na CBN, um comentarista sugeriu que a aparição da capivara seria parte de uma estratégia de marketing pessoal arquitetada por mim. Não nego. Foi mesmo um plano genial. Graças àquela capivara, tornei-me um best-seller.

• Na primeira semana, *O macaco ornamental* foi muito bem divulgado na *Gazeta do Povo*, o maior jornal do Paraná. Capa do caderno de cultura de domingo. Muita gente leu, muitos conhecidos me mandaram e-mails exclamativos: “Te vi na *Gazeta*!”. Entusiasmados, foram comprar o livro na segunda-feira e descobriram que ele ainda não estava nas lojas. A explicação: época de Natal é assim mesmo. As editoras e distribuidoras

mandam milhões de obras para o estoque das livrarias, mas até o povo organizar as coisas por lá – os lançamentos extras, as promoções de fim de ano, a expedição de tudo isso –, demora um pouco. O suficiente para esfriar o entusiasmo dos meus leitores.

• Dia 26 de novembro. Pela manhã, entrei com um amigo na Livraria Cultura da Avenida Paulista. E a dúvida, inevitável: encontrarei meu livro em alguma dessas gôndolas? Ele foi lançado pela Bertrand Brasil, uma grande editora. Não há por que não estar aqui, e justamente no dia de seu lançamento em São Paulo. Procurei – e nada. Meu amigo, contra a minha vontade, resolveu consultar um vendedor. E o homem, fino: “Tem, mas é só para encomenda”. O falso cliente chiou: “Como assim, só para encomenda? É um livro recomendadíssimo!”. E improvisou um discurso caloroso que, claro, me envergonhou intimamente. No dia seguinte, livro lançado, exemplares autografados, velhas amizades revistas e renovadas, voltamos, os dois, à mesma Livraria Cultura, só por curiosidade. E encontramos, bem visível, numa gôndola logo à entrada da loja, uma pilha de macacos ornamentais.

• O tempo passa e muita gente se queixa: em várias lojas da capital paranaense, não se encontra o meu livro. Somente na Livrarias Curitiba. E lá fui eu conferir cada caso, diretamente com os vendedores. Perguntava sobre a obra e uma mesma resposta se repetia, absurda: “Tem, mas é só para encomenda”.

Cansado, eu dizia que aquela me parecia uma boa maneira de se perder uma venda. E ia embora. Apenas dois meses depois de seu lançamento, um ou outro exemplar do meu livro começou a surgir aqui e ali, nas megastores da vida. Numa delas, estou classificado como autor policial, e apareço ao lado de Garcia-Roza. Em outra, sou estrangeiro, e me espremem entre Orhan Pamuk e Pirandello. Chamei a atenção do vendedor, e ele me garantiu que sou espanhol.

• Nos primeiros meses, mesmo sabendo que a imprensa nacional dificilmente daria espaço ao meu livro, folheei os suplementos culturais e literários dos grandes jornais com certa esperança. Sim, essa fase de clipagem pessoal é comovente e patética. Não sei direito de onde vêm as expectativas que alimentamos em relação a coisas improváveis, mas sei que, de qualquer maneira, é sempre mais indicado esperar o silêncio. Principalmente quanto à obra de estreia do autor desconhecido que sou. Na verdade, pela serenidade do meu comportamento, percebi, com satisfação, que esse vazio nem me incomodava tanto. É exagero querer tanto retorno a uma primeira experiência, pensei – e logo me veio à cabeça a fábula da raposa e das uvas. Mas insisti: a literatura não tem essa velocidade toda, e é bom que não tenha. E, no fim das contas, muita gente acabou citando meu livro positivamente, neste ou naquele veículo: Antonio Carlos Viana, Cristovão Tezza, Roberto Muggiati, Nelson de Oliveira, Fabio Silvestre Cardoso.

Não tenho do que reclamar. É bem mais do que eu esperava.

• Estou procurando um apartamento. Há tempos, preciso comprar um apartamento. E os corretores que me acompanham nessa peregrinação já lobem de cor: busco um imóvel assim e assado, que comporte, sobretudo, uma biblioteca. Uma biblioteca? Eles se espantam, ninguém mais tem biblioteca, pombas. Querem saber o que faço para viver, por que diabos eu precisaria de uma biblioteca? Sou jornalista, esclareço. Ah, sim, eles respondem, com evidente decepção. E logo me encham de perguntas. Querem saber mais. Informações veladas acerca de minhas reais condições financeiras. E descobrem que sou, também, escritor. Iniciante, mas escritor. Surpreendentemente, isso lhes dá novo ânimo: “Escritor? Que maravilha!”. E todos, sem exceção, anotam o nome do meu livro. Na palma da mão, num bloquinho velho, no verso de um contrato. *O macaco ornamental*. Prometem comprá-lo imediatamente. Onde é que ele está à venda? E eu respondo, orgulhoso: “Em todas as livrarias do Brasil”.

• Com um pouco de atraso, recebi da editora a primeira prestação de contas do meu livro, referente aos seus três primeiros meses de história. Até o dia 3 de março de 2010, vendi 304 exemplares. Achei ótimo. Vender livro não é mole. E eu vendi 304. A partir de Curitiba. Num pau brabo. Graças, é claro, à minha santa capivarinha de quarenta quilos. Obrigado, minha ruiva.

SOBRE O AUTOR

Luís Henrique Pellanda publicou o livro de contos *O macaco ornamental* e é subeditor do suplemento literário *Rascunho*